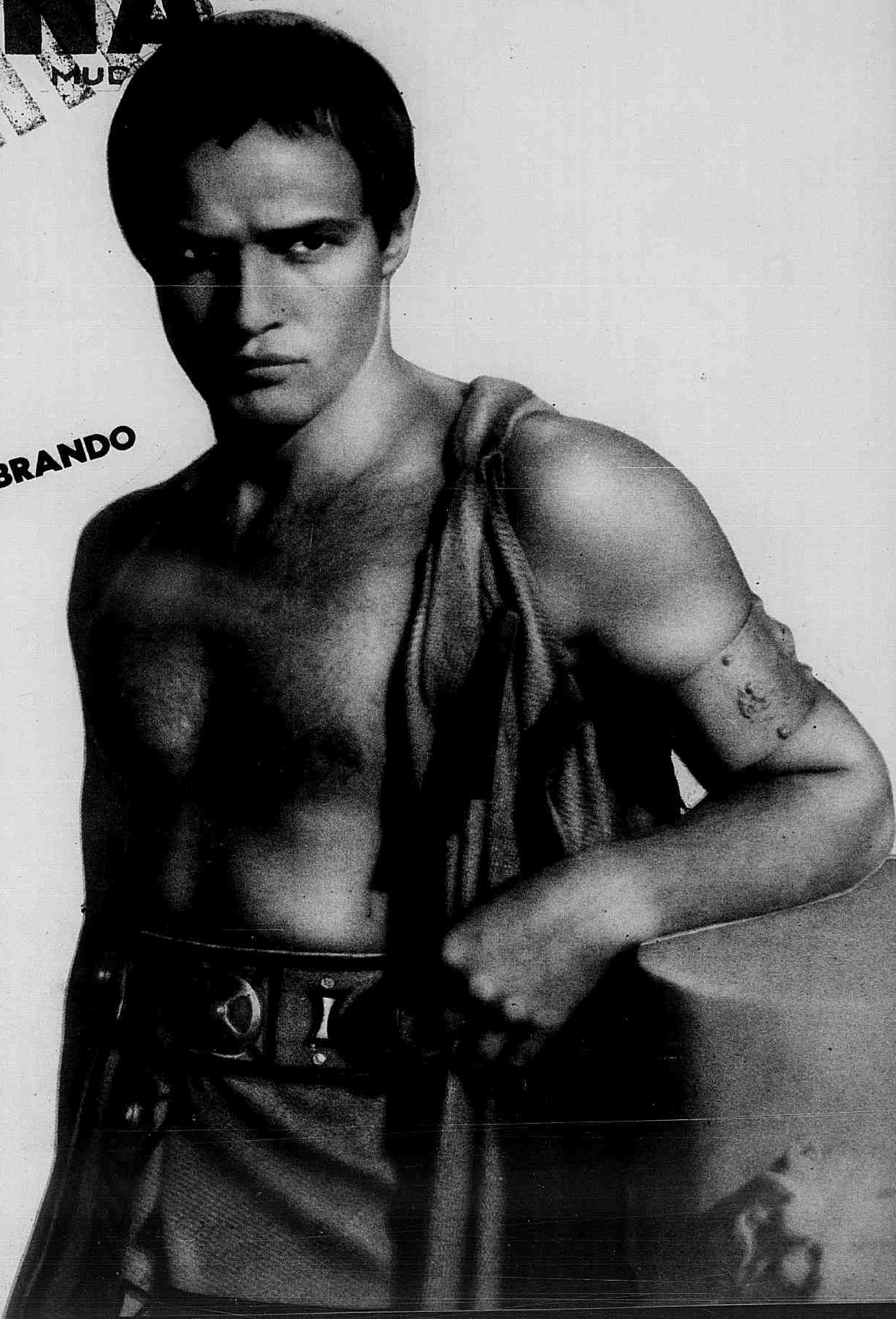
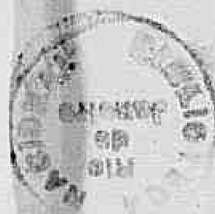
A CENA MUDA



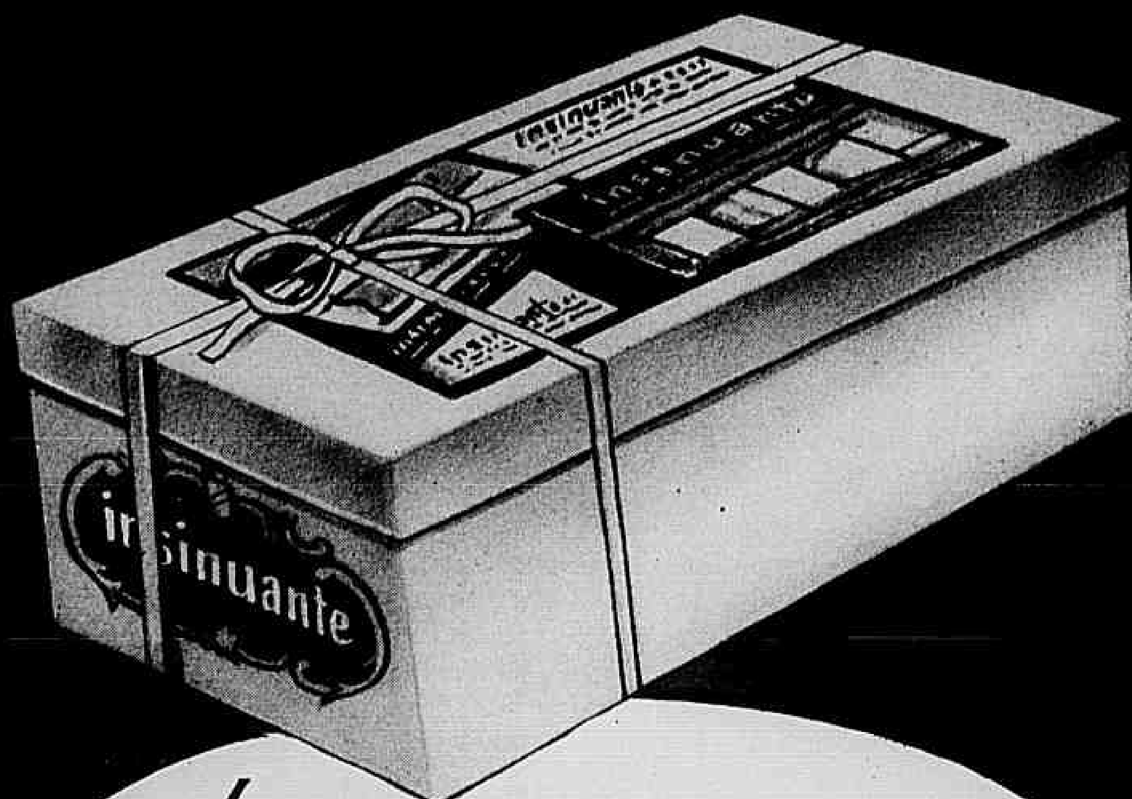
MARLON BRANDO

ELOGIA OS "ESTRAS"

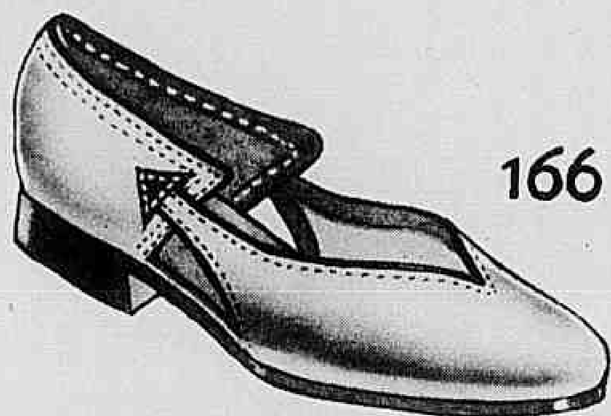


Nº 50 ★ 9-12-53
Cr$ 4,00
em todo o Brasil

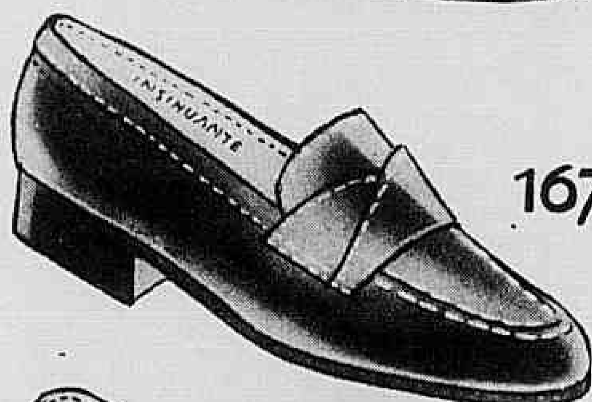




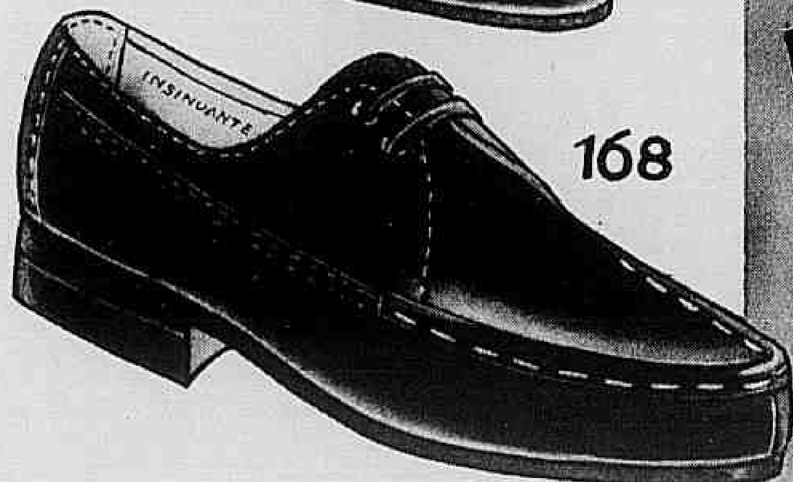
Um PRESENTE QUE É UMA JOIA!



166 Cr$ 180,00 — Um sapato que é uma "Relíquia" Muito bonito! Tôdas as côres e combinações. Núm. de 32 a 38.



167 Cr$ 150,00 — A coqueluche da temporada! Lindo e resistente. Em beie, azul ou havana. Núm. de 32 a 39.



168 Cr$ 200,00 — Para cavalheiros que sabem se calçar! 100% confortável. Salto de borracha. Núm. de 37 a 44.

Remetemos para todo o Brasil; porte por par, 5 cruzeiros. Não fazemos reembôlso postal.

insinuante

É A MAIOR E MELHOR SAPATARIA DA AMERICA LATINA E É TAMBEM UMA GALERIA A SUA DISPOSIÇÃO COM AGUA GELADINA SEMPRE AS SUAS ORDENS.

CARIOCA, 46-48 - SETE SETEMBRO, 199-201

Luiz Fernandes

apresenta em

A
CENA
MUDA



DIETRICH — fabulosa!

Carmen Miranda virá ao Brasil em 1954?...



DÓRIS MONTEIRO E ANN BLYTH respondem à CENA.

Cine-Novela:
«A um passo da eternidade».

Por falar em cinema nacional...

Absurdos!



Êsse MARLON BRANDO !...

Uma voltinha pelos estúdios

o astro da capa



ÊSSE MARLON BRANDO!...

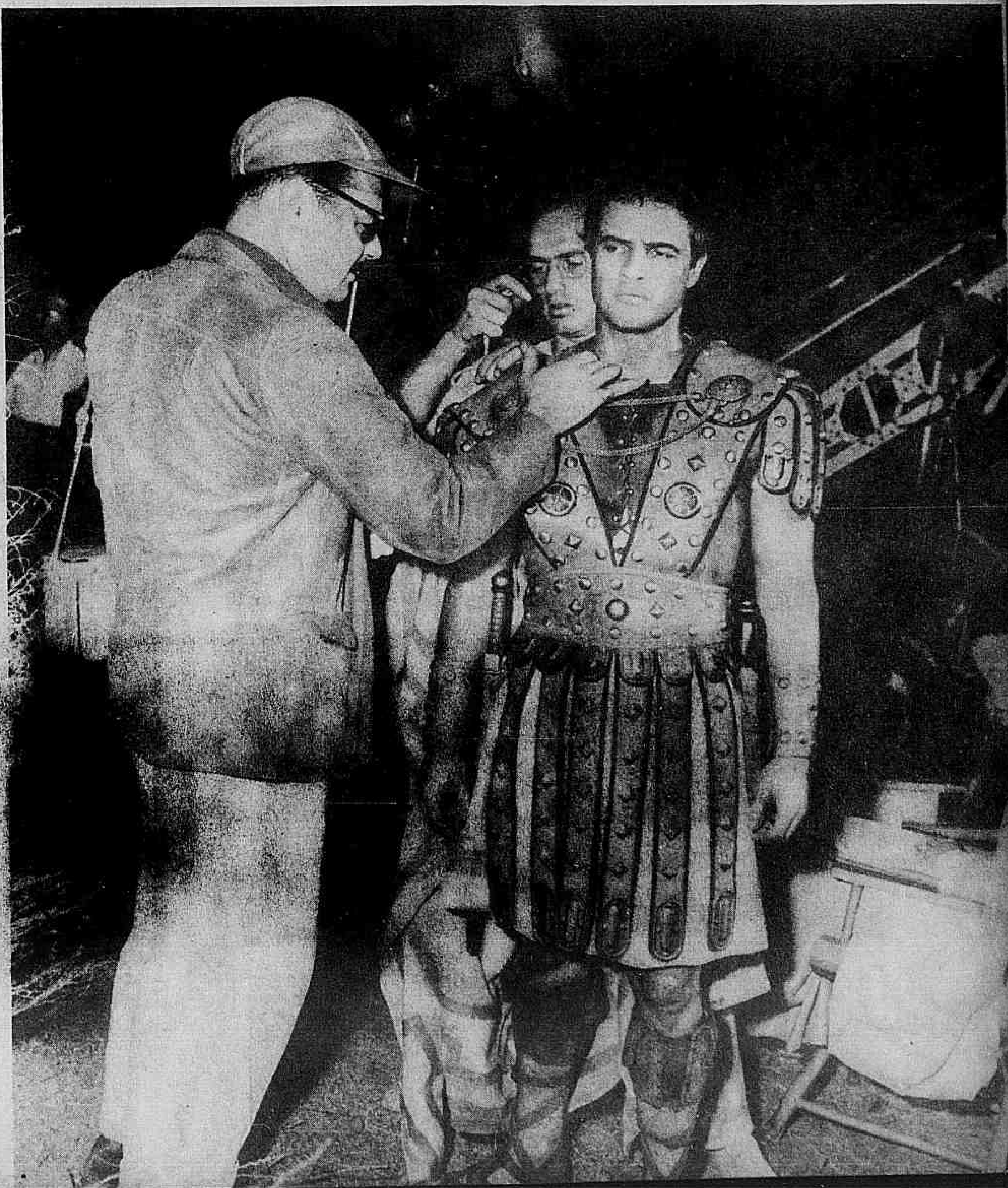
Êle é um tipo incompreensível — não dá confiança a produtores, a diretores, a «estrêlas», a ninguém. Chamam-no de convencido, de temperamental, mas êle nem liga! Continua sendo o «astro» mais famoso de Hollywood, sempre requisitado por aquêles mesmos produtores, diretores e «estrêlas» . . .

Êsse Marlon Brando!... No fundo, êle se diverte bastante com as reações que provoca em Hollywood!

Atingindo em curto espaço de tempo, o pôsto de melhor ator do cinema, conseguiu êle o que a maioria — a quase totalidade — dos artistas ainda não conseguiu: PRESTÍGIO! Sim, prestígio com letras maiúsculas, a ponto de não ligar a nenhuma das convenções tão observadas pelos que são, ou desejam ser grandes. Não adula ninguém, é um tanto rústico, se bem que educado, não dá mais atenção a produtores, diretores e grandes "estrêlas" que a um simples operário do estúdio, não assina contratos para mais de um filme de cada vez, não aceita um argumento, quando êste não lhe agrada, não freqüenta rodas artísticas, não se veste bem, mostrando-se sempre de "blue jeans" e despenteado, não gosta de ver seu nome "romanceado" com os de "estrêlas", sejam elas famosas ou não, não gosta de publicidade exagerada e não gosta de conceder entrevistas à imprensa.

Com tantos elementos negativos, é mesmo de admirar que tenha alcançado a projeção que tem. Principalmente numa terra como Hollywood, onde a concorrência é cada vez maior e para onde afluem os mais [illegible] dos valores do mundo inteiro. [illegible] todo êsse respeito [illegible] às convenções, ao [illegible] talento, já reconhecido nos [illegible] do mundo. E realmente, [illegible] tem razão em não que-[illegible]. Cada "performance" de [illegible] se torna inesquecível, de tan-[illegible] que êle imprime ao personagem, nos mínimos detalhes. Para viver aquêle revoltado paraplégico de

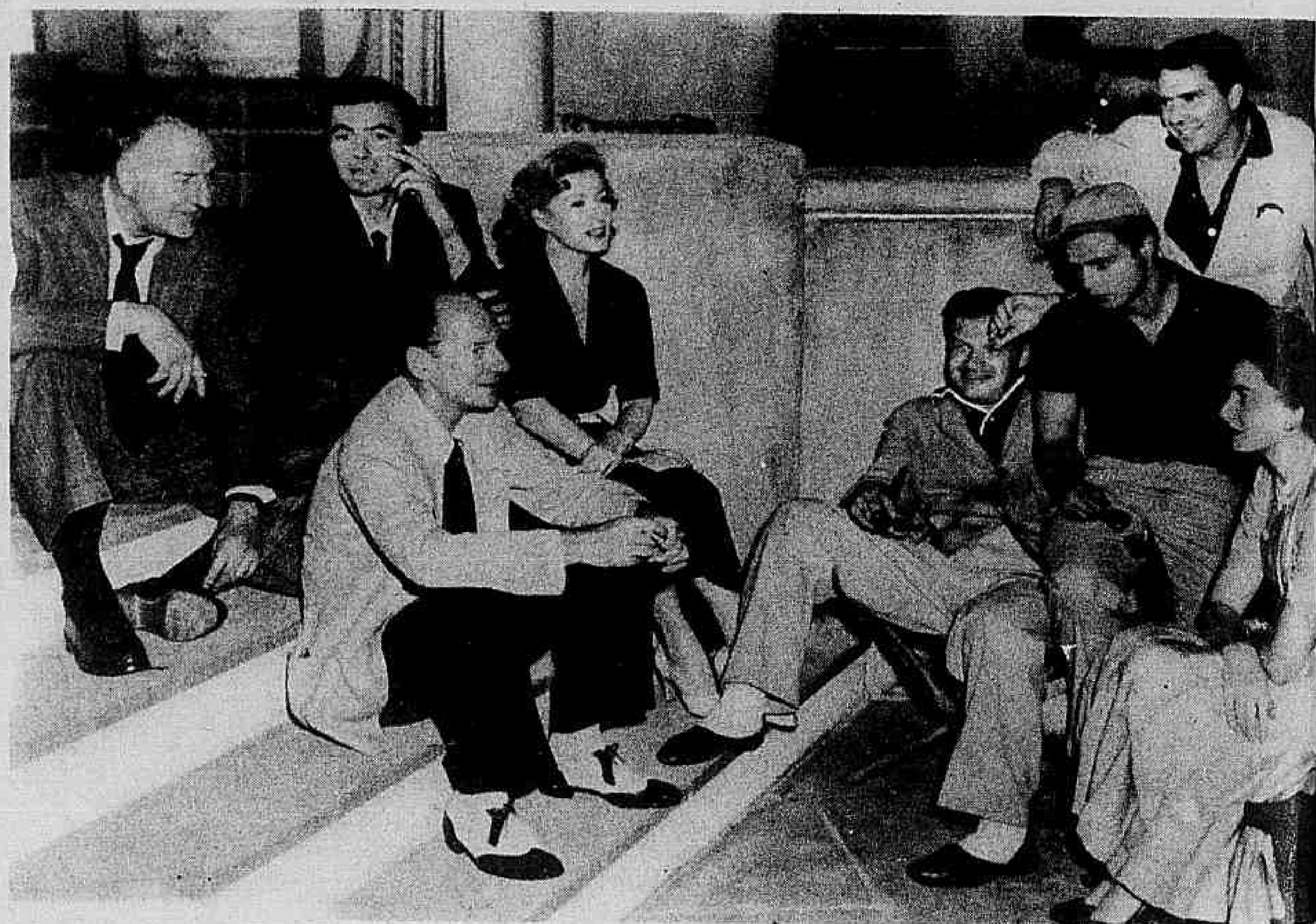
Preparativos para entrar em cena. Marlon vai filmar importante cena de «Júlio César».





Um trio famoso conversa no estúdio da Metro: Greer Garson, Marlon Brando e Deborah Kerr, respectivamente,, Calpurnia, Marco Antônio e Portia no imponente filme dêsse estúdio.

Flagrante tomado durante um ensaio de «Júlio César». Da esquerda para a direita, Louis Calhern (Júlio César), James Mason (Brutus), John Gielgud (Cassius), Greer Garson (Calpurnia), o diretor Joseph L. Mankiewicz, Marlon Brando (Marco Antônio), Edmond O'Brien (Casca) e Deborah Kerr (Portia).



"The Men", seu primeiro trabalho cinematográfico, êle foi para um sanatório especializado, e nem os veteranos que com êle conviveram durante algum tempo, ficaram sabendo que aquêle novo paciente não estava também aprendendo a viver numa cadeira de rodas! Para o papel do revoltoso mexicano de "Viza Zapata", submeteu-se a verdadeira tortura no departamento de "maquillage", pois suas narinas tiveram de ser dilatadas, seus olhos puxados com esparadrapos disfarçado e suas pálpebras cobertas com massa para ficarem caídas. Nunca êle se queixou, pelo contrário, dizia sempre que se sentia perfeitamente bem, apesar de todos saberem que aquela caracterização era terrivelmente incômoda. Ao resolver viver Marco Antônio na película da Metro, "Júlio César", Marlon dedicou-se com afinco à tarefa. Nada mais lhe importava: sòmente o estudo dos discursos do personagem, principalmente o que deveria ser sua melhor e mais difícil cena até hoje, o que faz sôbre o cadáver de César. Tinha plena consciência de sua responsabilidade, assim, quatro meses antes, procurou por todos os meios integrar-se na tragédia shakespeareana, inclusive ouvindo horas a fio gravações de Laurence Olivier, John Barrymore e John Gielgud. E ao chegar o grande dia de serem iniciadas as filmagens, Marlon ainda se sentiu um tanto intimidado, apesar da grande confiança que tem em si. Logo às primeiras cenas, acompanhadas por especialistas no assunto, revelou-se um trágico extraordinário, e os comentários que se ouviam por todos os cantos fizeram com que se sentisse imediatamente à vontade.

O resultado é o elogio unânime da crítica norte-americana, apontando-o como um dos melhores intérpretes de Shakespeare de todos os tempos. Com êle é assim: qualquer coisa que faça, ainda que seja pela primeira vez, terá de sair perfeita. Daí o seu comentado convencimento, temperamentalismo, etc. etc. Acontece que o rapaz leva muito a sério o seu trabalho, talvez a sua última preocupação séria na vida.

E é por tudo isso que de vez em quando anuncia: "Êste filme que estou fazendo será o último!" Alega o que lhe vem à memória no momento: que vai fixar residência no seu rancho em Nebraska, ou iniciar um cruzeiro pelas ilhas dos Mares do Sul, ou, ainda, conhecer o Oriente, com escalas nas ilhas ao sul da Espanha e da Itália.

Como é natural, Marlon não se conforma com a austeridade da censura americana, chegando mesmo a dizer: "Não seria possível eu, ou qualquer outro ator, aparecer em nenhum dêsses filmes estrangeiros que vemos agora, por causa do seu realismo... e qualquer pessoa inteligente, terá de reconhecer que êles são superiores aos que fazemos em Hollywood!"

Mas vai ficando. Algumas vêzes, desaparece de Hollywood e não dá a menor satisfação a quem quer que seja. Mas tempos depois volta, ainda sem se referir à sua ausência, pois já foi atacado de hollywoodite, cujo micróbio quando se adquire, dificilmente dêle se livra. Pelo menos é o que dizem, e se levarmos em conta que até Marlon Brando foi atacado...!







Em cima, três fases do famoso discurso de Marco Antônio, após a morte de César, uma das mais difíceis cenas que Marlon já fêz em sua vida; embaixo, Marco Antônio alquebrado pela morte de Brutus.



DIETRICH, a fabulosa!



O diretor Billy Wilder não pode deixar de estar pensando que Marlene está desperdiçando seus beijos com Hedy Lamarr, que a foi visitar durante uma filmagem.

ELA surgiu nos tempos em que a carreira de Greta Garbo estava no auge. Os admiradores incondicionais da «divina sueca» não admitiam nem ao menos comparações. Era única, absoluta, em outras palavras, «a maior»!...

Mas Marlene Dietrich chegou a Hollywood, depois de grande sucesso no filme germânico «Anjo Azul», até hoje citado e mostrado como autêntica obra de arte. E chegou calmamente, acompanhada de Joseph von Sternberg, seu descobridor e protetor, responsável pelo seu êxito na citada película; êle, confiante no material que tinha nas mãos e que pretendia transformar em breve futuro na mais discutida personalidade do mundo inteiro, ela, certa de que depondo seu futuro nas mãos daquele gênio da beleza plástica, estaria com o futuro garantido.

Os fãs da grande Garbo foram ver «Marrocos», estréia dessa dupla no cinema norte-americano. À saída, não se sentiam muito à vontade. Aquela moça loura e esguia, de movimentos lentos e olhares estudados não era, realmente, uma dessas novas «estrêlas» lançadas com muita publicidade e que passam como meteoros. Não, havia uma certa espiritualidade misturada com sensualidade que jamais haviam visto em outro mortal. Mas... «não possuía o imenso talento de Garbo», pensaram, dando de ombros. «Além do mais, era um tanto estática, de porte altaneiro, magra, alta... sim, era isso mesmo, uma imitadora de Greta Garbo!» Os fãs da sueca não perderam tempo em encontrar algum argumento para destruir a bela Marlene. Mas isso era o que pensavam. Dietrich leu e ouviu comentários maldosos a seu respeito, e, com sua habitual fleugma, fingiu ignorá-los. Com o tempo, acabariam rendendo-lhe as homenagens a que tinha direito, pois confiança em si própria é um dos mais destacados e curiosos atributos de Marlene.

Aos poucos, sua personalidade «sui-generis» foi tomando conta da América. Vestiu-se de homem, durante algum tempo, deixando boquiabertas as mulheres do mundo inteiro. «Que audácia!» pensavam. Não demorou muito, e a moda das calças compridas correu o mundo, conservando-se até os nossos dias. E Marlene, a primeira a usá-las em público (não se falando em George Sand, é claro), deve ter-se sentido satisfeita e, mesmo, vingada, daquelas que a reprovaram a princípio. Marlene ia quebrando os tabus da Cidade do Cinema. Naquela época, constituía verdadeira calamidade uma atriz, «vamp» ou ingênua, confessar-se mãe de família, e mais ainda aparecer em público seu rebento. Marlene rebelou-se contra essa tradição. Não! Uma artista tinha direito à sua vida particular como todo o mundo, direito de amar, casar-se e... até ter filhos. Não fazia tão mau juízo da mentalidade do seu público, que deveria julgá-la fora da tela não a mulher glamorosa, sofisticada, diabólica, sedutora, de passado inconfessável e presente ainda mais negro, que geralmente interpretava nos seus filmes. Achava, e desejava mesmo, que seus fãs a vissem como uma pessoa de carne e osso, capaz de amar, de constituir um lar, que possuía



Durante algum tempo, ela resolveu se vestir de homem. Só o chapéu masculino foi trocado por uma boina.



beleira e «maquilage» escuras. Ao natural, louríssima, ou de cabancando a «Cigana Feiticeira», a maior «vamp» de todos os tempos é resplandecente de beleza e personalidade!

Dietrich — a fabulosa!



Raríssimas vêzes a «vovó» Dietrich é fotografada com os netos, isso porque o genro não acha interessante essa publicidade para os filhos. Ei-la com o mais moço.



os mesmos sentimentos que êles. E mais uma vez, escandalizou Hollywood, posando para quem quisesse fotografá-la, ao lado do marido que chegara da Alemanha, e com a filhinha Maria (então com 6 anos) no colo. Esta, hoje, é uma das mais cotadas «estrêlas» da televisão em New York, e um dos maiores prazeres de Marlene é passar o dia no pequeno apartamento da filha, tomando conta dos seus dois netinhos. Raras vêzes foi fotografada com êles, isso porque o genro não acha interessante tal publicidade para os dois pimpolhos.

Paradoxalmente, ela adora uma reunião social, principalmente se entre os convidados encontrar algum intelectual. Fazem parte do círculo de suas relações mais amistosas, personalidades como Erich Maria Remarque, Noel Coward, Ernest Hemingway, Jean Cocteau e o cientista Sir Alexander Fleming, o descobridor da penicilina. O escritor Louis Bromfield dedicou-lhe um de seus livros, que Marlene mostra com justificado orgulho.

A «estrêla que não passa», como já a denominou Guilherme de Almeida, adora vestir-se bem, ainda que não precisasse se preocupar com êsse particular, pois onde quer que se encontre é sempre o centro das atenções de todos, ainda que o local esteja apinhado de lindos brotinhos. Possui, mesmo, inumerável quantidade de criações parisienses, principalmente de Dior. Se alguém se aproximar dêsses vestidos, encontrará presos a êles com alfinetes, duas medalhas, representando, uma a «Medalha da Liberdade», que lhe foi conferida pelo Govêrno norte-americano e a outra, a «Legião de Honra», da França, por serviços prestados à causa da liberdade.

Sim, Marlene Dietrich, alemã de nascimento e naturalizada norte-americana, deixou por algum tempo seus Diors, sua coleção de esmeraldas, suas poses fatais defronte às câmaras, envergando uma farda e indo para as diversas frentes de batalha na Europa, não só para elevar a moral das tropas, entoando suas canções dolentes, como para fazer qualquer espécie de serviço que se tornasse necessário. Muitas vêzes guiou ambulâncias transportando feridos debaixo do fogo cerrado de artilharia, inclusive dentro de sua própria Pátria. No caso de ter sido aprisionada pelos alemães, é bem fácil imaginar-se o seu triste fim, ainda mais que é sabido que Hitler a amava a ponto de lhe ter oferecido a chefia geral da cinematografia germânica se ela regressasse à sua terra. Marlene não hesitou nem por um instante: sempre foi uma idealista e contra o regime totalitário. Sua terra não era mais aquela; era a mesma do Tio Sam!...

Sim, Marlene ainda está casada com o primeiro marido, Rudolph Sieber. A princípio, achavam que um divórcio seria prejudicial à formação da pequena Maria. Quando esta cresceu, continuaram a se encontrar esporàdicamente e como não pensavam em se casar novamente, deixaram a situação como estava, o que acontece até hoje: separados, mas bons amigos.

(Cont. na pág. 34)



Essas três fotos, inéditas e exclusivas, foram tiradas durante a segunda Grande Guerra, quando Marlene estava na Alemanha. Na 1ª, ela posa defronte à casa em que morou com os pais, hoje em ruínas; na segunda, à porta de uma das ambulâncias que guiou, transportando feridos; e na última, sendo fotografada por soldados, ostenta uma túnica militar.



Hollywood em cena

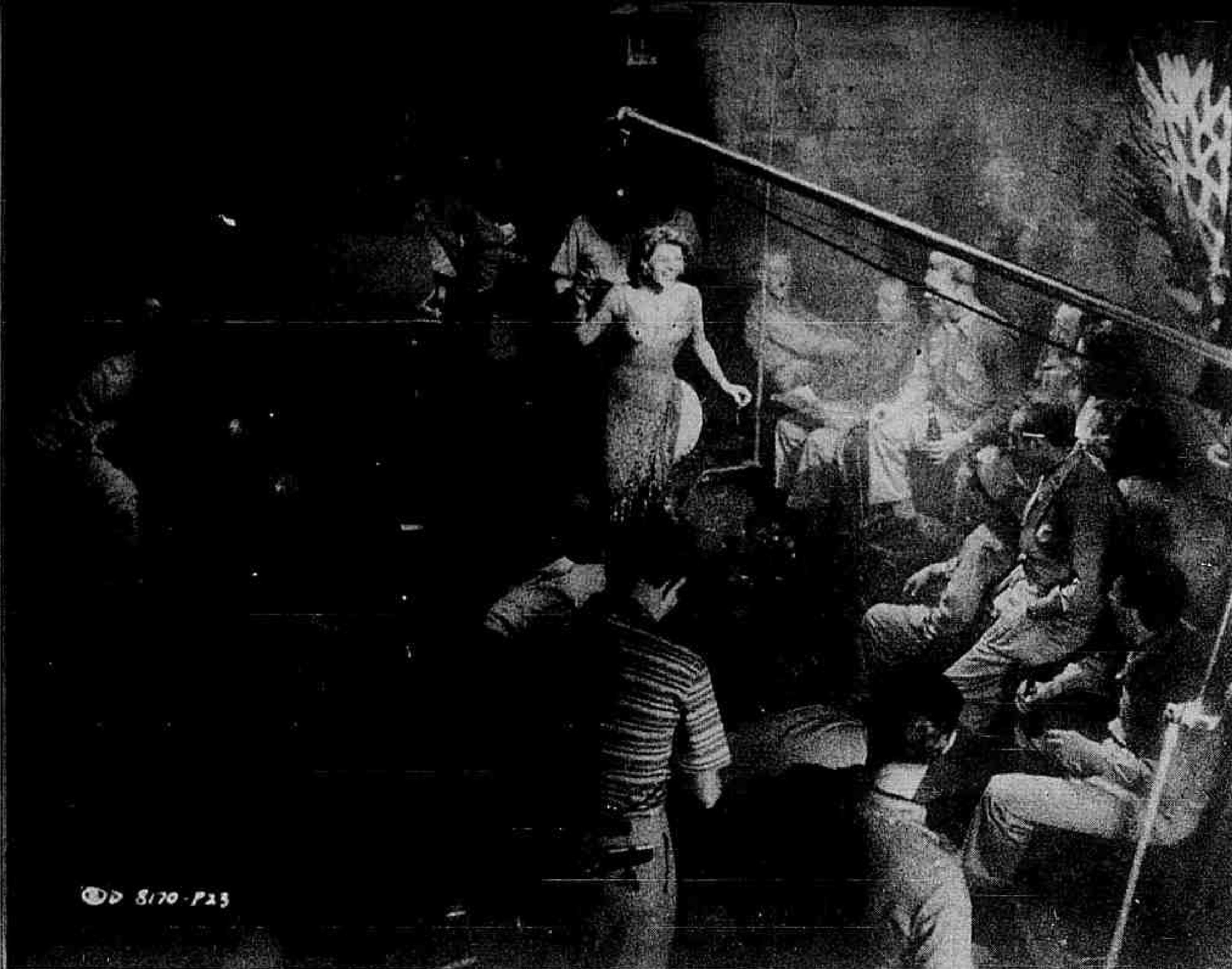
A Twentieth-Century Fox, que estêve com seus estúdios completamente paralisados por alguns meses, voltará à atividade talvez ainda êste mês, pois já enviou o diretor Henry Hathaway e uma equipe ao México, a fim de filmar os exteriores da produção de Charles Brackett, «Garden of Evil». O elenco conta com ótimos nomes, como Susan Hayward, Gary Cooper e Richard Widmark.

★

Quanto à R.K.O., mostrará o produto de sua grande atividade ùltimamente, apresentando até março nas telas norte-americanas, nada menos de oito produções novas, além de quatro reprises. As novas, recentemente terminadas, são: «Appointment in Honduras», «French Line», com Jane Russell, um dos musicais mais ambiciosos da companhia nos últimos anos, «Son of Sindbad», «She Had to say Yes», esta com Robert Mitchum e Jean Simmons, «Rangers of the North», com Victor Mature, Piper Laurie e Vincent Price, «Jet Pilot», a produção dirigida por Joseph Von Sternberg, com John Wayne e Janet Leigh, cuja exibição está etrasada de mais de dois anos, não se sabendo bem porque, «Carnival Story», com Anne Baxter e Steve Cochran, feita na Alemanha, e «Rob Roy», de Walt Disney, que já estreou em Londres com grande sucesso.



Um doce para quem adivinhar quem é ela! Qual, nem assim... É Esther Williams como aparece em «Easy to Love», da Metro.



Flagrante da filmagem de «Mulher de Satã», com Rita Hayworth interpretando Sadie Thompson.



John Ireland indiscretamente procura ouvir uma conversa telefônica de Yvone De Carlo, a fim de saber se quem está do outro lado do fio é Carlos Thompson, cujo nome vem sendo ligado ao de Yvone.

A «IFE Releasing Corp.», companhia que distribuirá nos Estados Unidos o filme de Ingrid Bergman, «The Greatest Love», iniciará dentro em breve uma tremenda campanha de publicidade em tôrno do filme, na qual dispenderá nada menos de **duzentos e cinqüenta mil dólares**, compreendendo televisão, rádio, jornais, cartazes e outros meios de propaganda. Não resta dúvida que o cartaz da «Signora» Rosselini em terras do Tio Sam anda muito por baixo, necessitando assim de tanta publicidade!...

★

O Banco da América está acionando o produtor Charles R. Rogers pelo não pagamento do empréstimo concedido à «Embassy Productions» para produção de «The Fabulous Dorseys», distribuída pela United Artists. O Banco pede cinqüenta mil dólares, além de dois mil, cento e noventa dólares, parte de uma nota promissória da importância de setenta e cinco mil, de 12 de maio de 1947. Por aí verifica-se que em Hollywood também acontecem coisas dessa natureza...

★

Charlie Chaplin Jr. conseguiu, finalmente, chamar a atenção dos produtores, que lhe entregaram um dos principais papéis em «My Pal Shep». Jacques Bergerac, o rapazinho de vinte e poucos anos que Ginger Rogers, já quarentona, «fisgou» na França, fará sua estréia no cinema (o que todo mundo esperava depois de tal casamento...) num «far-west»; para tanto, treina sôbre um cavalo seis horas por dia. José Ferrer torna-se um cineasta completo em «The Shrike», da qual será ator, diretor e produtor. Ava Gardner e Frank Sinatra serão reunidos em «Saint Louis Woman». Isso no caso de não terem se divorciado até lá, pois separados já estão, esperando-se, contudo, uma reconciliação. Marlon Brando interpretará na tela o papel que Henry Fonda viveu na Broadway, em «Mr. Roberts». June Haver voltará dentro em breve ao cinema, dedicando parte de seus salários a obras de caridade. Influência da temporada que passou recentemente no convento...

★

Martha Raye e Jimmy Durante estão afastados da tela há um bocado de tempo, dedicando suas atividades à televisão. E' de se estranhar que suas aparições no vídeo não tenham sido até hoje patrocinadas por fabricantes de batão (as de Miss Raye) e de lenços (as de Jimmy)...

★

Em «Minha melhor amiga», Lana Turner e Ava Gardner interpretarão duas artistas de televisão em feroz rivalidade, lutando não só pelo primeiro lugar na admiração dos telespectadores, como pelo amor do mesmo homem. Já imaginaram só que felizardo?

★

Ann Miller obteve tamanho sucesso com sua «performance» no musical «Kiss me Kate», que a Metro colocou-a imediatamente no elenco de «Athena», co-estrelando com Esther Williams, Janet Leigh e Debbie Reynolds essa produção colorida de Joe Pasternak, que conta as aventuras de sete irmãs totalmente maníacas por astrologia e numerologia.

★

Eleanor Parker aparecerá, belíssima como sempre, pela primeira vez ao lado de Clark Gable em «Green Fire», uma história de romance e aventura durante uma

Lana Turner, assim que terminou «Meu amor braasileiro», foi ao Colorado em gôzo de férias. Aqui a vemos com o pensamento distante de estúdios, refletores e maquiladores.







Don Taylor exercita-se como fotógrafo amador, tendo como modêlo o «brôto» que é Audrey Dalton.

Bing Crosby e Arlene Dahl visitam Bob Hope no «set» onde êle filmava «O promotor de encrencas», onde está também Mickey Rooney.

perigosa expedição para encontrar um tesouro de esmeraldas.

★

Gordon Douglas, que dirigiu «Nenhuma mulher vale tanto», que vimos há pouco, com Alan Ladd e Virginia Mayo, resolveu, num dia em que não tinha mais nada que fazer, fazer uma lista das dez cenas que mais o impressionaram numa tela até hoje. Não... Não fêz constar dela nenhuma de filme que dirigiu... A título de curiosidade, aqui transcrevemos a mencionada lista, podendo os leitores concordar com a mesma, ou dela discordar: Wallace Beery, ex-lutador de box, completamente embriagado, batendo no então pequeno Jackie Coogan, em «O Campeão»; Frederic March, astro de ciiema, em completa decadência, sem amigos nem ilusões, caminhando para a morte no mar, em «Nasce uma estrêla»; Vivien Leigh, completamente fora de si, conversando com o médico que vai levá-la para o asilo, em «Uma rua chamada pecado»; Charles Boyer esperando em vão, no último andar do «Empire State Building», por Irene Dunne, que acaba de sofrer um acidente trágico, em «Duas Vidas»; Jane Wyman, surda e muda, rezando com as mãos o Padre Nosso, pela alma de seu pai, que fôra assassinado, em «Belinda»; Harold Russel explicando a Cathy O'Donnell o que será sua vida, casada com um soldado que perdeu os braços na guerra, em «Os melhores anos de nossa vida»; Bette Davis, tratando do jardim de sua casa, descobre que está ficando cega, indício certo, segundo seu médico, de que está muito próxima a morte, em «Vitória Amarga»; Victor Mac Laglen, bêbedo, procurando consolar num funeral, a viúva do homem que traíra, em «O delator»; Charles Chaplin, quando se separa da jovem a quem devolveu a vista, em «Luzes da Cidade»; Edward Franz cantando um lamento pelos defuntos, quando seu filho, Danny Thomas, abandona a carreira religiosa para se dedicar à vida artística, em «O Cantor de Jazz». Que tal? O homenzinho tem bom gôsto? Tratam-se, realmente, de cenas bem marcantes, tôdas elas.



Não só os galãs ganham beijos! Aqui vemos Dorothy Lamour dando as boas-vindas ao diretor Alvin Ganzer, que substituiu F. Hugh Herbert em «Pleasure Island».

★

Jane Wyman bateu o recorde de velocidade em trocar de vestidos... Outro dia, em pouco mais de seis horas, experimentou trinta e nove vestidos e foi fotografada com todos êles, o que significa dez minutos para cada vestido!

★

..Virginia Mayo talvez seja dentro em breve também jornalista, além de «estrêla» de cinema, pois um sindicato de imprensa está procurando convencê-la a escrever uma secção de relações humanas, intitulada «Homem e Mulher». Outros artistas fazem o mesmo, como Irene Dunne, Bob Hope, Claudette Colbert. Por que não Virginia Mayo?...



Aqui estão os dois gatinhos siameses que o diretor Charles Vidor deu a Elizabeth Taylor, por sua magnífica «performance» em «Rapsódia». Em homenagem ao filme, ela chamou-os «Rapsó» e «Dia»...

"A ORQUÍDEA"

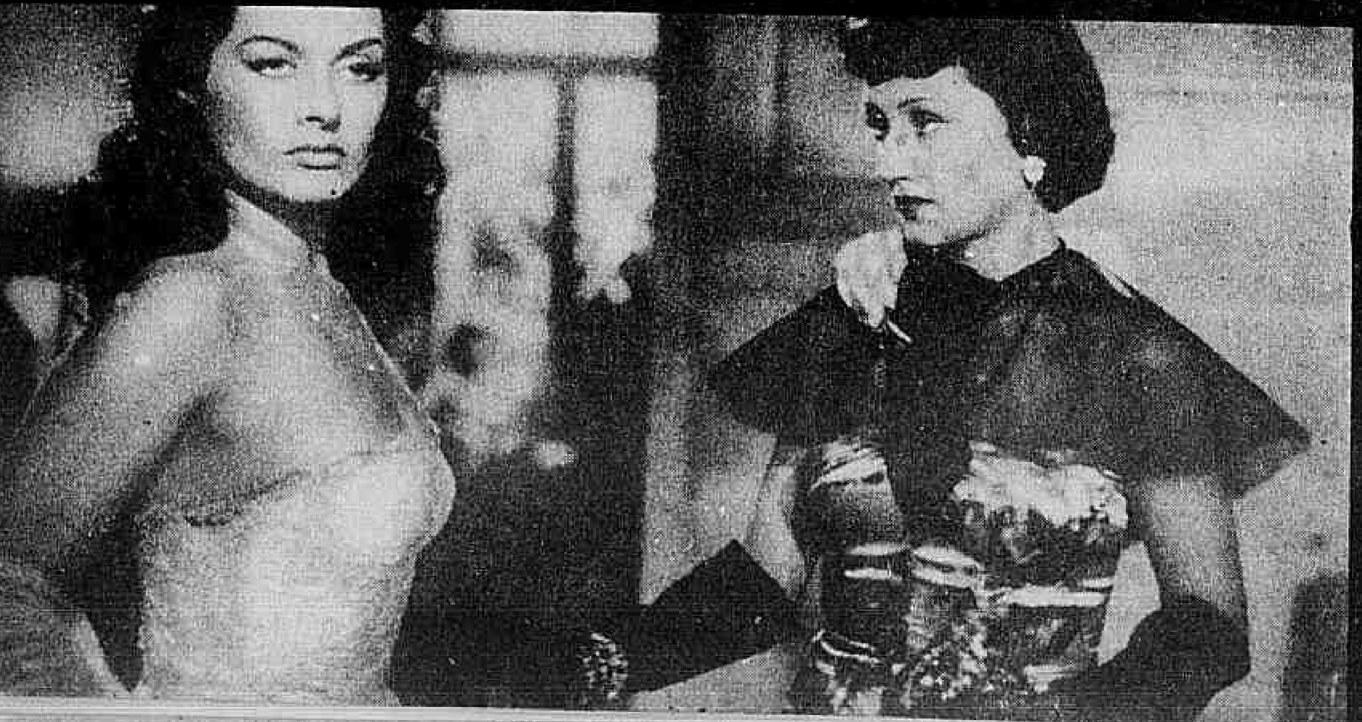
da
Argentina Sono Filme,
dirigida por Ernesto Arancibia.

ELENCO:

Elena Millán	LAURA HIDALGO
Cláudio	SANTIAGO GOMEZ COU
Isabel	HERMINIA FRANCO
Alberto Nilsson	EDUARDO CUITINO
Mônica	DIANA DE CORDOBA
A tia	FELISA MARY
Armendaga	HUMBERTO NAZZARI
Alicia (15 anos)	PAOLA LOEW







"TRA

NA selva inóspita, quase sôbre o limite com a fronteira brasileira, abrindo caminho, lentamente, através pântanos perigosos, avança uma pequena caravana. Ninhos de orquídeas brancas, símbolo de pureza, se aninham nos topos das árvores, contrastando com vegetação selvagem e multicor.

"Esta terra ardente é a imagem da minha vida!" — diz a formosa mulher que acompanha a caravana. "Quanta luz e beleza nos primeiros anos, mas mais adiante os caminhos de difíceis acessos... seus perigos e suas armadilhas que nos envolvem insaciàvelmente. Seus pântamos misteriosos, contrastando com águas puras, escondidas, e difíceis de se encontrar com as mais seguras e santas... Essa mulher tão formosa quanto as orquídeas brancas que emolduram o cenário agreste da selva, é Elena Millán, que se faz acompanhar do doutor Alberto Nilsson, cientista que viu transcorrer os melhores anos de sua vida nos laboratórios de química, tratando de encontrar alívio para os males físicos da humanidade. Elene recordou sua vida, evocando-a através das orquídeas que acaricia em suas mãos. Sua história começou em Mar del Plata, antes do meio-dia há alguns anos. Tomou o destino da praia distante, desejando estar sòzinha com seus vinte anos, à margem da insistência dos admiradores de sua beleza. Dela, nessa hora, se acercou Cláudio, a quem evitava por completo.

— Você! Exclamou Elena, contrariada ao vê-lo.

E, sem lhe dar tempo, Cláudio a toma em seus braços e levanta-a. Ela se debate assustada. Longe de ceder, Cláudio se acerca cada vez mais. Elena, em luta furiosa com êle, tentando impedir o seu beijo, cai sôbre a areia com Cláudio. Sua voz não oculta tremendo rancor, quando êle consegue beijá-la no colo.

— Bruto! diz ela, correndo assustada até o hotel. E é no hotel que o doutor Nilsson vai procurá-la, a fim de dizer-lhe que o seu pai, em Buenos Aires, havia enfermado repentinamente, solicitando sua presença em casa. Quando chega, encontra seu pai irreconhecível e visivelmente mal.

— Isto é o final, querida. Bem sei... Sempre fui um fracassado... Apesar de nada te deixar de valor, confio em ti e espero que possas te livrar da triste herança que tua mãe deixou... A beleza dela, como a tua, sempre foi motivo de desditas... Essa magnífica e perigosa beleza desponta em ti um temperamento a se combater com veemência. Tens que encontrar um caminho certo, honrado... Senão tua vida será também trágica.

—o—

Órfã, sem apoio, jovem sem preparação para aguentar a luta pela vida, Elena Millán foi como uma frágil embarcação em águas agitadas pela tormenta. As palavras que seu pai havia pronunciado, antes de morrer, ecoavam constantemente em seus ouvidos, e observando os homens, compreendeu o porquê da sua aflição.

Sôbre os homens, Elena exercia uma atração malsã, pois cada um dela se enamorava tempestuosamente. Sabendo estar prejudicada pela sua própria formosura, Elena resolve empregar-se numa fábrica de produtos medicinais. Encerrou-se em si mesma, temerosa de si e da influência que herdou de sua falecida mãe. Isabel, a sua amiga modista e amiga de Cláudio, lhe ofereceu pôr à venda os quadros de seu pai. Conhecia um "marchant" e entre suas amizades poderia vender muitas telas. Elena acedeu, sobretudo por querer invocar a memória de seu saudoso pai. A jovem, no entanto, ignorava que por trás dos planos de sua amiga Isabel, estava Cláudio com o seu baixo caráter. A exposição das telas se inaugurou em caráter privado para os críticos, e a opinião dêstes foi extraordinária, descobrindo nas obras do pai de Elena uma beleza pictórica de um valor até

LER

então ignorado. Nos dias seguintes, as telas foram postas a venda com inusitado sucesso.

Entretanto, a verdade é que quem fazia vender as telas do pai de Elena eram as artimanhas e a caderneta de cheques de Cláudio... Ao sabê-lo, a jovem não pôde esconder o seu desapontamento e nem evitar a confissão de Cláudio.

— E' que por ti, pelo amor que te dedico, sou capaz de qualquer coisa!

As palavras de Cláudio soavam, apesar de tudo, claras e sinceras. Elena resistiu contra aquêle homem quase libertino, com uma larga vida de inconstâncias. Êle, porém, insistindo, ao cabo de pouco tempo conseguiu oferecer-lhe o altar. Pela primeira vez pronunciava a palavra casamento, e Elena, comovida, acedeu. Casaram-se, viajaram uns meses num cruzeiro até o Rio de Janeiro, no iate de Armendaga, amigo de Cláudio. Estalou, então, um conflito sentimental, quando Cláudio se abalou com a presença de Mônica, uma linda mulher de passado duvidoso.

Elena, profundamente constrangida com a côrte que seu marido fazia a essa mulher, o repreendeu severamente, respondendo êle em têrmos agressivos. Ao chegar ao Rio, Cláudio desembarcou e Elena prosseguiu viagem no iate de Armendaga... Voltariam mais tarde a se encontrarem, em Buenos Aires. Mas o espôso de Elena preferiu a sua vida de sempre, em farras, gastando o dinheiro a mãos cheias. Já havia liquidado a fortuna do pai; logo depois a de sua mãe. O seu único amparo financeiro era a tia, que o amparava desde pequeno, considerando-o como a um filho.

Desolada, Elena aceitou alguns convites de Armendaga, e com êle foi vista em alguns lugares de diverões. Cláudio, entretanto, não aparecia e nem mostrava pór sua mulher o mínimo interêsse. Numa tarde, em elegante reunião de senhoras, conversava-se animadamente, e a dado momento, diz alguém referindo-se a Elena:

— Pobre pequena. Está se vingando de Cláudio na companhia de Armendaga!...

E, anônimamente, a tia de Cláudio, presente à festa, ouvia contristada todos os boatos a respeito do seu sobrinho e sua espôsa. Ocultando sua dor, a velha tia foi à casa de Elena e lhe pôs a par dos mexericos que se fazia sôbre ela e Armendaga. Elena decidiu-se a deixar sua casa e morar distante, em modesto apartamento. Aí nasceu sua filha, Alicia, a quem o pai não conheceu até o dia que veiu buscá-la, anunciando a Elena que entabolava contra ela uma demanda de divórcio por "abandono do lar e deslealdade conjugal". Elena foi obrigada a entregar sua filha a Cláudio, e desde então, sua moral inteiramente abatida, levou-a a cruzar os piores caminhos da vida.

Passaram-se os anos, e a vida de Elena continuava a mesma. Sempre inspirando as mesmas paixões trágicas, herança de sua mãe, preconizada pelo pai em seu leito de morte. Elena estêve no estrangeiro, em longas viagens, e, ao voltar à Buenos Aires, durante uma função teatral onde apareceu na companhia de um diplomata que se dizia seu "amigo", viu uma jovem de dezessete anos, que não lhe tirava os olhos de cima. Não a reconheceu; era Alicia, sua própria filha, tomada como que por uma atração estranha. A ocasião foi também propicia a Alberto Nilsson, que se apresentou a Elena. Ela continuava a mesma e formosa mulher de sempre, ainda mais altiva e dominante. Sua conversa com Nilsson foi, entretanto, muito breve. Ficaram de se encontrar no dia seguinte, porém, Elena voltou a Buenos Aires e se enclausurou em seu lar. Ali foi surpreendida, certo dia, com a visita da tia de Cláudio. Informava-lhe ela que seu sobrinho havia morrido e que a haviam citado para ouvir a leitura do testamento. A tia de Cláudio, porém, rogava a Elena para que não aparecesse, pois sua filha a tinha como morta há bastante tempo. Elena se rebelou contra tal atitude, e decidiu-se a ver a filha de qualquer jeito. Ninguém poderia lhe tirar êsse direito. Nenhum homem na terra! E foi. Ali encontrou Alicia, sua filha. Entretanto, preferiu não ficar. Aceitou proposta de casamento de Nilsson, que a levou em sua expedição à selva brasileira, em busca de vegetais que tinham o segrêdo de curas desconhecidas...









LUIZ FERNANDES

escreve:

POR FALAR EM CINEMA NACIONAL...

...as últimas reuniões a que compareceu o saudoso Moacir Fenelon, grande lutador do cinema brasileiro, foram as primeiras realizadas no Rio de Janeiro em prol da realização do II Congresso Nacional do Cinema Brasileiro, que o Congresso anterior determinara fôsse também localizado na Capital da República. Sabedor, entretanto, do interêsse demonstrado pelos paulistas em tôrno da transferência da grande assembléia cinematográfica para a sua capital, Fenelon fêz-se portador da vontade de seus colegas de São Paulo, conseguindo convencer os demais organizadores cariocas da oportunidade dessa transferência.

A 20 de Novembro último, no sétimo andar da A.B.I., teve lugar uma mesa redonda sôbre o projeto que cria o Instituto Nacional do Cinema, promovida pela Delegação Moacir Fenelon, que representará o Distrito Federal no II Congresso Nacional do Cinema Brasileiro, a ser realizado em São Paulo entre 12 e 20 dêste. Os principais problemas abordados foram os seguintes: definição do filme brasileiro; co-produções com o estrangeiro; participação dos profissionais no I.N.C.; lei de contingente e taxação sôbre o filme estrangeiro; distribuição; financiamento da produção; aumento de entradas dos cinemas, e outros.

Houve animados debates em tôrno dos principais pontos do projeto, por cronistas como Salviano Cavalcânti de Paiva, Joaquim Menezes e Fernando Salgado, atores como Jece Valadão e Modesto de Sousa, desenhistas Anélio Latini Filho e Gil Ribeiro, distribuidor Elias Jorge, assistente de direção A. Shatovsky, gerente de produção Duilio Mastroiani, e o diretor Alex Viany, membro da comissão nomeada pelo Congresso para acompanhar, junto à Comissão Especial de Cinema da Câmara dos Deputados, as discussões sôbre o Projeto número 2.383.

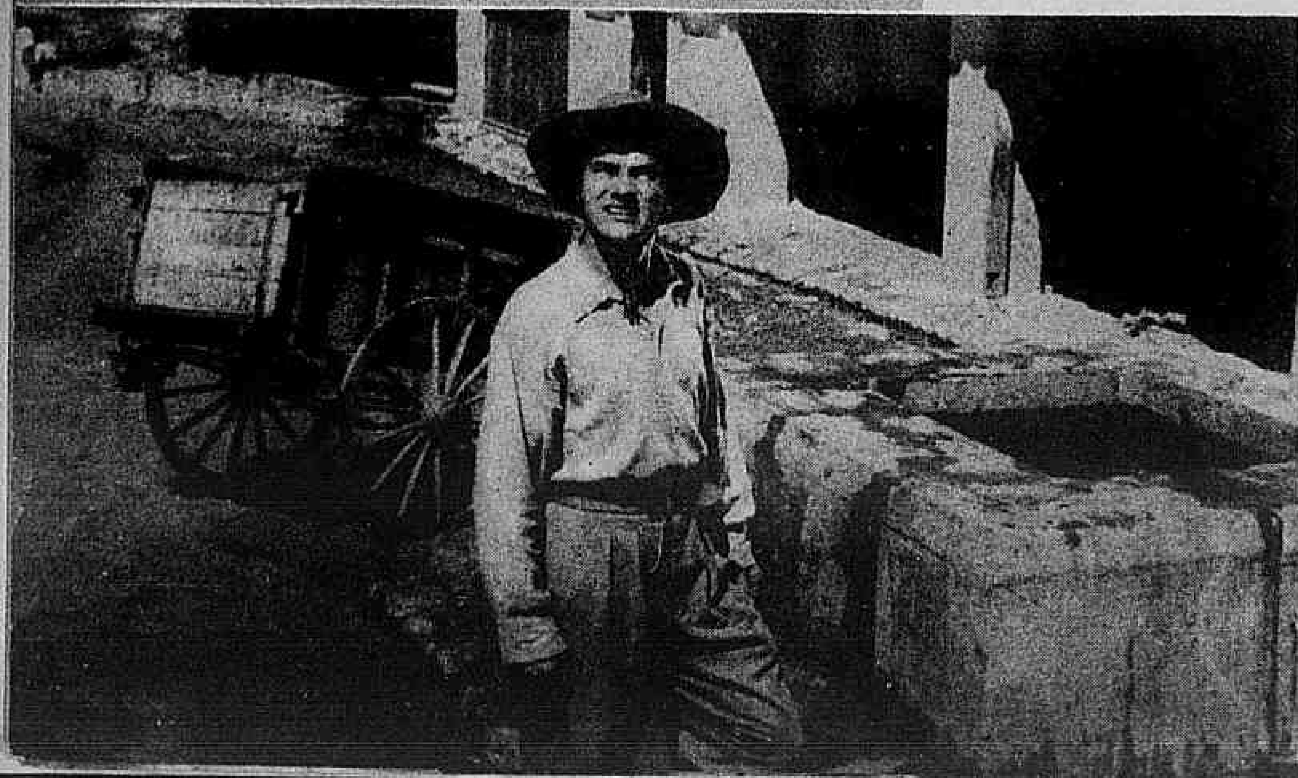
...há diversas produções nossas já terminadas, algumas há bastante tempo, e não se sabe porque não são exibidas. Eis aqui uma "listinha" contendo algumas *delas: "Luz Apagada", da Vera Cruz, "É proibido beijar" e "Candinho", idem; "Tôda a vida em quinze minutos", da Sociebrás; "Fatalidade", "O craque", "A Sogra", "Chamas no Cafèzal", da Multifilmes; "Rua sem Sol", produção de Mário Del Rio, e o decantado "Canto do Mar", de Cavalcânti para a Kino Filmes. O que é que há?...*

Maria Vidal, Procópio Ferreira e Ludi Veloso, numa cena de «A Sogra», da Multifilmes.



Luigi Picchi, o galã de «Chamas no Cafèzal», da Multifilmes.

Odete Louro, Hortência Santos e Rodolfo Arena são alguns dos muitos artistas de teatro que aparecem em «Tôda a vida em quinze minutos».







Maria Fernanda, que estreou no Teatro do Estudante no difícil papel de Ofélia, em «Hamlet» e no cinema em «Terra Violenta», ao lado de Anselmo Duarte, vem aí, resplandecente de «glamour», em «Luz Apagada», com o penteado que vemos na foto.

UMA VOLTINHA PELOS ESTÚDIOS...

O que é que você aí perguntou?...
Não, não é hoje que vamos voltar ao "set" de "Carnaval em Caxias" para ver a Dóris Monteiro, não senhor! Sabem o que vamos fazer hoje? Vamos "brigar"! Por que êsse espanto todo? Por acaso estão com mêdo? Ora, ora!...

Recebi uma carta do Tom Payne, reclamando contra algo que escrevi a respeito de "Sinhá Moça", e, em atenção ao pedido que me faz, suas palavras serão agora fielmente reproduzidas a vocês. Começava assim:

— "Caro Senhor Fernandes: Não costumo responder à críticas, mas como na sua, publicada na "Cinelândia" de 2-7-53, usa uma forma quase familiar comigo, eu me dou agora ao luxo de responder-lhe. Queria entretanto informar-lhe que no que se refere à sombra do microfone há um engano do sua parte, que aliás atribuo à informação errada que lhe tenham dado, pois não posso crer que o senhor desconheça o formato de um microfone cinematográfico e pela forma deveria ter observado que se trata da sombra do lustre. Certo de que não deixará de levar em consideração esta minha observação, peço-lhe à gentileza de publicar esta carta em seu próximo número. Cordialmente (a) Tom Payne."

Como vocês devem ter percebido, o amigo Tom, no segundo tópico de sua carta, faz uma observação bastante acertada, mas nas duas outras sinto muito ter de contradizê-lo, Acertou ao dizer que não pode crer que eu desconheça o formato de um microfone cinematográfico. Sim, vocês são testemunhas dos três anos que passei em Hollywood, em contato permanente com os diversos estúdios, pois estavam sempre ao meu lado. Além disso, há um ano já que vocês me acompanham também pelos estúdios brasileiros. Assim, não há dúvida que tivemos tempo bastante para chegar a conhecer pelo menos o formato de um microfone cinematográfico, é ou não é?

Quanto à "informação errada" que me pudesse ter dado, como êle ligeiramente insinuou, talvez fôsse mais cômodo para mim admiti-la, pois dessa forma o "engano" passaria automàticamente para uma terceira pessoa qualquer, um de vocês, por exemplo. Mas vocês que me conhecem sabem perfeitamente que eu não seria capaz de uma coisa destas, não é? Obrigado, obrigado!... Além disso, não vejo razão para tal e nesse caso, se realmente o engano existe, é meu, só meu, pois vi o filme, acredite êle ou não. Agora, pergunto: porque outra pessoa poderia ter se enganado e não êste "cicerone" de vocês? O Tom tem de admitir que se tratava de uma cena rápida demais para não dar margem a um possível equívoco. E justamente pela brevidade com que foi mostrada na tela, não tem o direito de exigir que eu "poderia ter observado que se trata da sombra do lustre". É isso mesmo, vocês têm tôda razão: seria mais difícil que reconhecer o formato de um microfone, pois, como todos sabemos, a variedade de tipos, tamanhos e formatos é bem maior...

Mas eu estava brincando com vocês quando mencionei "brigas": quis apenas observar a reação. Talvez até que o Tom esteja com a razão e se tratasse mesmo da sombra do microfone... aliás, do lustre. Mas não tenho absoluta certeza, pois não consegui rever a película. Aliás, muitos de vocês me disseram ter tido a mesma impressão, não foi?

Algum tempo depois de haver recebido a carta, encontrei-me com o Nonenberg, que na ocasião chefiava o Departamento de Publicidade da "Vera Cruz", tendo êle prometido me chamar dois dias mais tarde para assistir a uma exibição especial de "Sinhá Moça", mas não o fêz. Assim, a dúvida continua...

E ao Tom, minhas desculpas pelo atraso desta resposta, que "Cinelândia" deixou de publicar, por motivos que ignoro. E asseguro-lhe que, caso apareça uma nova oportunidade de tornar a ver "Sinhá Moça", voltarei ao assunto, seja para confirmar aquela minha observação, ou... para dar a mão à palmatória.

Por LUIZ FERNANDES

AGORA vem Miro Cerni desmentir o seu propalado «romance» com a linda Sílvia Fernanda!... Bem que êle já dissera não pretender encontrar numa atriz os predicados que procurava na futura Madame Cernigoi. Para fins de publicidade, já é outra conversa...

GARNAVAL em Caxias é uma sátira aos filmes de «cowboy» norte-americanos. Parece que Jorge Illeli e Paulo Vanderlei, depois de «Amei um bicheiro», que não passou de uma cópia bem feita de uma película «made in Hollywood», tomaram mesmo gôsto pelos assuntos americanizados...

EM entrevista concedida há pouco a um semanário, Severiano Ribeiro Júnior declarou que um dos maiores defeitos dos filmes nacionais está nos argumentos. Porque não começa êle a escolher melhor os que filma em seu próprio estúdio, a Atlântida? !...

NADA de novo na frente paulista, mas que a espectativa é grande, é. Tôda a produção da Vera Cruz paralisada para... balanço, dizem. Será que a coisa vai ficar no «balanço», ou vai «cair» mesmo?...

AQUI vai uma sugestão para a publicidade de «Rua sem Sol»: Dóris Monteiro e Glauce Rocha se tornam inimigas figadais, pela simples razão de que ambas desejam as honras de «estrêla» daquele filme...

MÁRIO Civeli acabou «perdoando» Hélio Souto por ter êste ingressado na televisão paulista sem o seu consentimento. Haveria sinceridade nisso, ou sòmente mêdo de perder um elemento de cartaz, de que tanto necessita o estúdio da Mairiporã?

UMA novidade para vocês: Dóris Monteiro está noiva!... E' o que afirmam alguns. No entanto, em conversa com ela, declarou-me que nunca estêve noiva, não está e tem raiva de quem diz que está noiva!

DIZEM por aí que Mancini tem ciúmes de tôdas as suas «estrêlas», proibindo-as de iniciar «romance» com quem quer que seja, durante as filmagens. Isso aconteceu com Rosângela Maldonado, Patrícia Lacerda e, agora, com Maria Fernanda. Acha que pode prejudicar o bom andamento da película...

A ESTA frase do Lulu de Barros: «Assim, enquanto muitos conversam e criticam, eu vou fazendo filmes que é o que interessa, quando não para ir treinando técnicos...» Alguém respondeu: «Por que êle não procura primeiro alguém para treiná-lo?...

Por colaboradores diversos, inclusive os leitores da CENA

ABSURDOS

Dick Haymes ter tido um esgotamento nervoso por não poder pagar o impôsto de renda devido ao Tio Sam, logo depois de seu casamento com Rita Hayworth. Com tal mina de ouro nas mãos!...

★

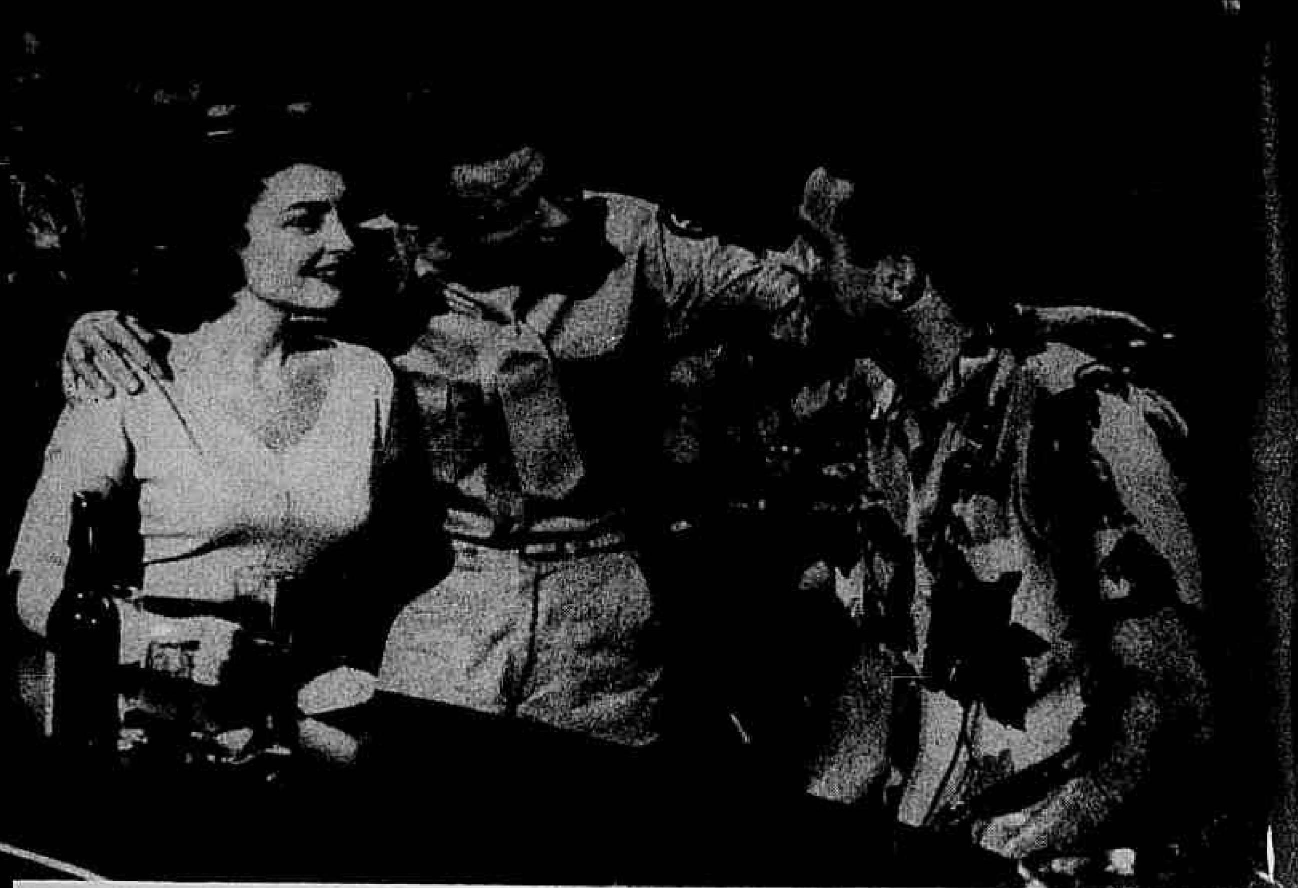
O público que lotava o auditório numa das homenagens prestadas a Marlene, por seu aniversário, vaiou calorosamente uma caloura que escolheu para cantar uma música que pertencia ao repertório de Emilinha Borba. Precisamos acabar com êsse fanatismo e com essa falta de educação!

★

Marlene Dietrich, a vovó mais deliciosa que o céu cobre, resolveu um dia aparecer-nos vestida de baiana e cantando em português o "Tico-tico no fubá". Enfim, como já apareceu dando tiros e interpretando canções de "cow-boy"!...







cine-novela

A UM PASSO DA ETERNIDADE



RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

Prewitt fôra destituído de corneteiro, ao ser transferido de regimento. Seu novo capitão, Dana Holmes, instrutor de box do regimento, sabia que Prew era o melhor pêso-médio no Hawai, mas êste resolvera jamais lutar outra vez, por ter cegado um contendor. Holmes procurava por todos os meios fazê-lo lutar, pois precisava apresentar um time vencedor para chegar a major. Começa, então, a aplicar ao rapaz o "tratamento", como chamam no exército, uma série de humilhações e serviços pesados a fim de demovê-lo de seu intento, mas tudo em vão. Milt Warden ama a espôsa do capitão, Karen Holmes, e é correspondido. Numa noite de folga, Prew e seu único amigo, Maggio, vão à cidade e num cabaré Prew fica vivamente interessado por Lorene, uma das moças contratadas pela proprietária, Mrs. Kipfer, para divertir os fregueses da casa.

Em cima: Prew estava bastante preocupado porque Maggio aparecera fardado e completamente embriagado no bar. Na outra foto, vemos Maggio, o único amigo de Prew no Exército, quando trazia uma garrafa de bebida para Prew e Lorene.

Dia de pagamento era um grande dia para o sargento Warden, pois êle se encontraria com Karen Holmes. Rumou para o Parque Kuhio, onde ela já o esperava em seu elegante carro. De lá, rumaram para uma pequena praia distante que Warden conhecia, onde poderiam ficar em liberdade, longe do perigo de serem reconhecidos por pessoas das relações do capitão, marido de Karen.

Depois de exercitarem seus corpos nas águas tépidas do oceano, deitaram-se na areia quente. Fixando seus lindos olhos nos de Warden, Karen diz: — «Não imaginei que houvesse alguém que beijasse como você. Nunca fui beijada desta maneira!» O elogio só serviu para lembrar o rapaz de que Karen já havia pertencido a outros... A muitos outros talvez, no caso de serem verídicas aquelas histórias que contavam a seu respeito.

Tornando-se sério, Warden comenta: — «Certamente, não é novidade alguma para você um encontro na praia...»

«Talvez eu te conte tudo, Milt. A verdadeira história da minha vida! Se quiser, depois pode voltar ao acampamento e contar sua versão aos soldados; sei perfeitamente que êles fazem comentários sôbre a minha conduta. Mas pode estar certo de uma coisa: é a primeira vez que entro em confidências com alguém sôbre minha vida particular.»

Com lágrimas nos olhos, Karen conta-lhe do seu casamento sem amor, do marido que sempre a enganara e o fizera também na noite em que ela dera a luz! E justamente por falta da companhia do marido, ela não tivera os cuidados necessários, perdendo a criança. E, o que era pior, vira-se impossibilitada para sempre de ser mãe!

A essa altura, seus soluços são abafados pelo barulho das ondas, enquanto Milt Warden a aperta em seus braços, cheio de amor pela infeliz criatura, e de ódio por aquêle que tanto a fizera sofrer!

★

O «Tratamento», continuava a ser aplicado em Prew, com intensidade cada vez maior, pois a essa altura o capitão estava completamente selvagem. Estava firmemente resolvido a obrigar o rapaz a lutar, custasse o que custasse. E atiçava sempre os boxeadores da companhia contra Prew, principalmente os mais temíveis, como Thornhill, Henderson e Galovitch. Êste último, um dia, excedeu-se nas suas provocações e Prew não pôde conter um desabafo contra tudo aquilo e contra o comando, insistindo o capitão numa retratação. Prew negou-se e Holmes, dirigindo-se a um soldado, ordenou: «Cabo Paluso! Faça êste homem reunir um equipamento completo, com um par de

a um passo da eternidade

botinas extra, capacete e tudo o mais, tome uma bicicleta e faça-o marchar atrás até o Desfiladeiro de Kole-Kole e volte em seguida!»

A estrada para o desfiladeiro era agreste, e o sol castigava impiedosamente. Prew cambaleava com todo aquêle pêso, mal se aguentando de pé. A certo ponto do caminho, Paluso fêz uma parada e oferecia um cigarro ao rapaz, quando passou num «jeep» o coronel Wilson, parando para perguntar a razão de tão forte punição.

«Por insubordinação, senhor», disse Paluso, acrescentando, «ordens do capitão.»

«Qual é o seu regimento?»

«Companhia G., 219, senhor.»

De volta ao escritório do capitão Holmes mais uma vez insistiu com o rapaz para que se retratasse, desculpando-se perante Galovitch. Nova recusa e o capitão exasperado ordena que a punição fôsse repetida, ao mesmo tempo que ordenou a preparação dos papéis para submetê-lo a côrte marcial, por insubordinação. Warden, porém, consegue convencê-lo a desistir dêsse intento, alegando que talvez Prew ainda viesse a ceder, acabando por boxear. Milt Warden começou a admirar o rapaz por sua obstinação. Um dos soldados, chegou a sugerir a Prew que fizesse uma reclamação ao Inspetor Geral, mas êle recusou. «Não, não darei a êles a satisfação de me ver reclamar a quem quer que seja. Não me humilharei!»

Uma noite, Maggio teve uma séria desavença com «Fatso» Judson, pois êste apoderou-se de uma fotografia da irmã de Maggio e começou a mostrá-la a todos, referindo-se à moça em têrmos baixos. Maggio não se conteve e atirou-lhe uma cadeira. «Fatso» puxou de uma faca, mas Milt Warden interveio, a fim de evitar a morte certa de Maggio, que a um canto estava branco como cêra. Quando Warden saiu, Prew apanhou a faca de «Fatso» que caíra ao chão e foi entregá-la ao sargento. «Guarde-a», diz êle, continuando, depois de breve pausa: «Você não está pròpriamente se divertindo muito aqui, não é? Êles podem lhe matar que não conseguirão que volte atrás, tenho certeza!... Que tal um passe para sair êste fim de semana?»

Nesse momento, Prew descobriu que Milt era humano. E imaginou-se imediatamente ao lado de Lorene...

★

Prew planejara ir à cidade novamente em companhia de Maggio, mas êste atrasou-se muito vestindo-se e o ônibus saiu sem êle. Assim, o rapaz chegou a Honolulu sòzinho, dirigindo-se sem perda de tempo ao «New Congress Club». Mrs. Kipfer estava elegante como sempre, mas Lorene mudara. Recebeu-o friamente e disse que lá estavam muitos homens do Campo Hickam, que precisavam ser também divertidos. Ao reparar na expressão de desagrado de Prew, diz-lhe: «Afinal de contas, o que é que você esperava? Banda de música à sua chegada?



Prew enfrenta o temível «Fatso» Judson, a fim de vingar a morte de seu amigo Maggio.



Maggio queria a todo o custo ir nadar na frente do hotel freqüentado por artistas de cinema.

Lembre-se de que eu «trabalho» aqui! Há tantas semanas que não aparece e de repente...» Prew interrompeu aqueia explosão: «Maggio virá encontrar-nos aqui; que tal se fôssemos dar uma volta?»

«Você sabe que eu não posso estar saindo. Existe um regulamento aqui...»

Prew olha-a fixamente e diz: «E eu que estive esperando por êsse passeio cómo uma criança espera presentes de Papai Noel! Talvez não consiga outro passe tão cedo. Mas não há de ser nada! Lorene sente muito... Lorene está muito ocupada... Lorene precisa cumprir o regulamento da casa...»

«Pare com isso!» grita-lhe ela. «E não me chame mais de Lorene: meu nome é Alma. Alma Burke, se lhe interessa saber. Mrs. Kipfer deu-me aquêle nome por achá-lo afrancesado. Tirou-o de um anúncio de perfume.» Lorene não pôde disfarçar uma certa melancolia ao contar-lhe essa particularidade.

Mais tarde, Lorene, fingindo-se de adoentada, despediu-se de Mrs. Kipfer e dirigiu-se ao «Bar Waikiki», onde Prew ficara de se encontrar com Maggio. Conversaram muito e Alma (Prew achava bastante difícil chamá-la por êsse novo nome) apiedou-se imensamente do rapaz, pelo tratamento que vinha recebendo no Exército, mostrando-se indignada com o fato. Prew contalhe, então, como se sentira só depois da morte de seus pais, dedicando-se à vida militar; se tal não acontecesse, talvez nunca tivesse aprendido a tocar uma corneta! No Dia do Armistício tocara-a no Cemitério Arlington, e lá estava o Presidente da República !...

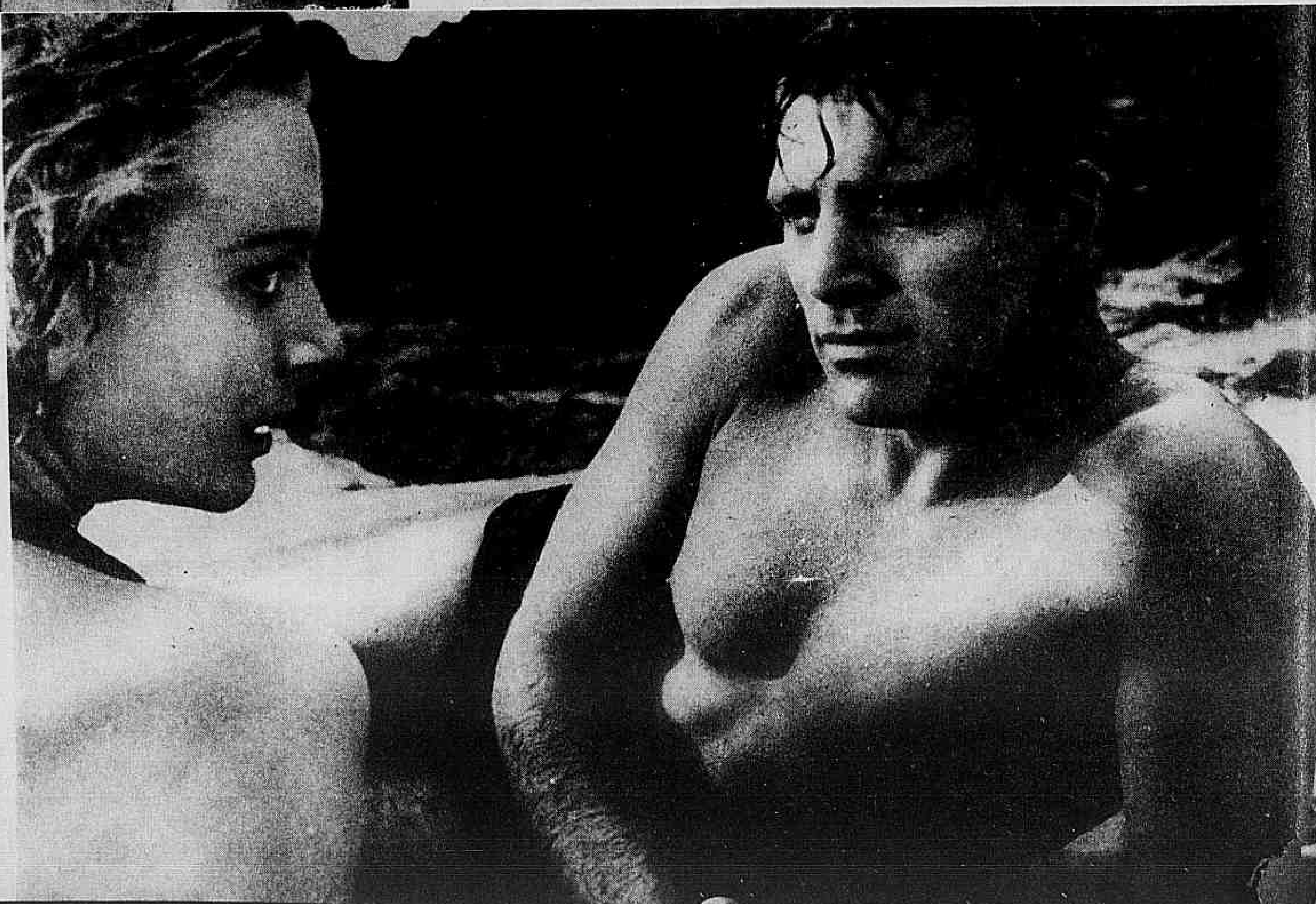
Alguns minutos mais tarde Maggio apareceu completamente bêbedo, e usando a farda. Aos tropeções e falando com dificuldade, se bem que aparentemente bastante feliz. Em altos brados, disse: «O Royal Hawaiian Hotel é aqui perto, na esquina. Sabem que os artistas de cinema ficam todos hospedados lá? Vamos até lá, fica bem na praia, e eu estou com vontade de nadar hoje. Está uma noite formidável para se nadar... principalmente na companhia de atrizes !...»

Não havia meios de dissuadi-lo de seu propósito, de maneira que a própria Alma aconselhou Prew a acompanhá-lo, ainda mais que corria grande risco, bêbedo e envergando farda. Saíram os dois e se dirigiram à praia. Assim que pisaram a areia, Maggio tirou a calça, antes que Prew pudesse evitá-lo. Discutiam quando dois militares da Patrulha apontaram ao longe. Ao invés de tratar de se esconder, Maggio, completamente fora de si, encaminhou-se para êles, desacatando-os. Prew nada pôde fazer para remediar a situação.

(Continua no próximo número)



Dia de folga de Milt Warden, e lá estava Karen Holmes, de carro, a esperá-lo.



Na praia, Karen relata a Warden a série de aborrecimentos e humilhações por que passara desde seu casamento com o capitão Holmes.

A CENA pergunta ANN BLYTH e DÓRIS MONTEIRO respondem





1 **Qual o dia mais emocionante de sua vida?**

2 **Prefere o drama ou a comédia?**

3 **O que acha do prêmio para a «melhor atriz do ano»?**

4 **Acha que tal prêmio constitui a consagração definitiva de uma artista?**

5 **Qual o papel que ambiciona interpretar e que pudesse ser um marco em sua carreira?**

6 **Aparecem freqüentemente rumores de «romances» e noivados a seu respeito. Já se decidiu por alguém?**

ANN BLYTH:

1 Foi quando fiz parte da «Command Performance» para o presidente Roosevelt, no Teatro Nacional de Washington. Depois do espetáculo, fui convidada pelo presidente e sua espôsa para jantar na Casa Branca.

2 Não desejo limitar-me a papéis dramáticos ou de meninas desmioladas. Minha ambição é tornar-me uma atriz completa, com aptidões para interpretar qualquer gênero de papel. O que menos desejo é estandardizar-me, a ponto de me considerarem um tipo e não uma artista.

3 Não posso negar que minha maior ambição é receber um «Oscar». Perdoe-me pela falta de modéstia, mas desejo ardentemente ganhá-lo.

4 Não, absolutamente! Não se trata da consagração definitiva de um artista, mas, sim, o estímulo máximo que se possa conseguir.

5 Nunca pensei nisso. Quando êle aparecer, saberei tirar o melhor partido da situação. Não sou eu quem escolhe os argumentos, como acontece com as grandes «estrêlas». Êsse fato, porém, nunca me preocupou, pois o estúdio sempre se interessou por minha carreira e sabe perfeitamente o que me convém ou não.

6 (Ann ainda não havia-se casado, o que aconteceu há poucos meses). Oh, não! Tenho diversos amiguinhos, muitos mesmo, mas nada de romance por enquanto. Meu nome tem sido ligado a vários «astros» novos, mas posso afirmar que nada tem existido além de boa camaradagem. Quando isso acontecer, não negarei!

DÓRIS MONTEIRO

1 Não tenho bem certeza. Creio, mesmo, que foram dois: quando estreei no rádio, e há pouco, ao ser escolhida como «a melhor atriz do ano»

2 Para falar francamente, a comédia. Talvez por estar êsse gênero mais de acôrdo com meu temperamento. Isso não quer dizer, porém, que desgoste de papéis mais sérios, como o que fiz em «Rua sem Sol», por exemplo.

3 É uma coisa esplêndida, maravilhosa! Acho que é uma grande honra e, confesso, fiquei aturdida quando meu nome foi o escolhido. Não encontro palavras, por mais que queira, para descrever o que senti, e ainda sinto!

4 Não, nunca a consagração definitiva; encaro-o como uma consagração, sim, mas é mais um incentivo para a gente melhorar cada vez mais e se tornar, talvez, um dia, realmente uma grande atriz!

5 Um papel de substância numa alta comédia. Comédia fina, do tipo daquela de Katharine Hepburn . . . «Costela de Adão».

6 Não, e todos êsses rumores são infundados. Nunca estive noiva em minha vida, e não tenho culpa alguma de publicarem essas coisas a meu respeito. Até depõem contra mim, pois posso parecer uma pequena volúvel e leviana, o que absolutamente não sou. Nunca usaria minha vida particular para fins de publicidade!

"Querida Marlene..."

Marly Alves de Almeida — Rua Taboraí, 329. Braz de Pina, Rio.

«... e gostaria de saber se você ainda é madrinha do Fã Clube Lúcio Alves-Dick Haymes.»

«Querida, isso é novidade para mim. Não sabia que tinha sido madrinha dêsse Fã Clube!...»

«... porque você não comparece ao Fã Clube Maria Luísa, do qual também é madrinha? Ela é tão boazinha trata-nos tão bem...»

«Do Fã Clube Maria Luísa, eu sou madrinha. De fato, você acertou, ela é um amor! Irei sim, assim que tiver um tempinho.»

«... se seria possível você enumerar todos os presentes que já recebeu dos Fãs-Clubes.»

«Você não imagina quanto tempo levaria para enumerá-los. Sinceramente, são muitos e todos lindos!»

«... desejo saber se você recebeu alguma taça quando atuava no teatro de revistas.»

«Só atuei em revista duas vêzes e confesso que não recebi, mesmo porque não é costume darem taças em teatros.»

«... Luís Delfino tem irmãos? Quantos?»

«Tem 3 irmãs e 1 irmão.»

«... onde poderia encontrar êstes discos: Sapato de Pobre, Coitadinho do Papai e Casadinhos?»

«Sapato de Pobre e Casadinhos, são da Continental e Coitadinho do Papai, da Odeon. Procure nas lojas especializadas, e se não os encontrar, procure-os naquelas gravadoras.»

«... porque você não grava êsse bonito samba do nosso querido e grande Manuel Santana, «Bôca da Barra». E a linda valsa «Serenata Suburbana».

«Pretendo gravá-las ainda êste ano, se Deus quiser.»

«... Porque você não canta o gostoso samba «Brasil Diferente?»

«... o Luís Delfino filmará mesmo «Mulher de Verdade»?

«Êsse assunto está em suspenso por enquanto, devido à nossa temporada teatral.»

★

Roberto Azevedo — Rua Pedro II, 524. Piracicaba, Estado de São Paulo.

«... e foi com grande alegria que li, na «CENA MUDA», a sua formidável secção «Querida Marlene...» Transmito, pois, a você meus parabéns, e à «CENA MUDA» os agradecimentos, não só meus, mas de todos os seus fãs. Se você puder, dê ao dirigente da CENA a notícia do nosso contentamento, sim?»

«Sim, Roberto. Transcrevi aquêle trecho de sua carta, como vê. Esteja certo de que êle também ficou bem contente. Obrigada.»

«... quando você virá a Piracicaba?»

«Quando minha presença fôr solicitada, mas só depois de fevereiro, é claro.»

«... você recebeu a taça que nós, de Piracicaba, lhe enviamos na semana passada, como presente de aniversário?»

«Não, não recebi, mas talvez ainda chegue. Ficarei aguardando.»

«... quais os programas, fora o «Manuel Barcelos» e «Paulo Gracindo», em que você trabalha? Você atua também na Mayrink?»

«Programa Manuel Barcelos, quinta-feira, às 13,30; «Programa Paulo Gracindo», domingo às 10,50; Mayrink, «Trono da Alegria», sexta-feira.»

«... se você poderia pedir às dirigentes do seu «Fã Clube» que me enviem algumas notícias sôbre o seu Clube de Fãs, tais como: número de sócios, tamanho das instalações, prospectos, etc.»

«Será melhor você se dirigir diretamente a êle: rua Riachuelo 91, 1º andar.»

★

Dilma — Rua Tavares Macedo, 46. Icaraí. Niterói.

«... que fundamos aqui em Niterói o «Grêmio Marlenista de Niterói». Desejamos saber se você gostou do nome...»

«Adorei o nome. Já conheço pessoalmente as garôtas que compõem a diretoria. São uns amôres!»

«... se você poderia nos enviar uma foto 18x24, para colocarmos na sede do Grêmio.»

«Estou com falta de fotografias; mandarei assim que tiver.»

★

Ana Luísa. Rua Cuiabá, 928. Belo-Horizonte, Minas.

«... você virá a Belo Horizonte fazer uma temporada teatral? Quando?»

«Estamos pensando nisso, Delfino e eu; talvez possamos ir em abril. Já estamos em negociações.»

«... como se sente trabalhando no teatro?»

«O teatro é uma delícia, mas dá muito trabalho e é muito cansativo, embora compense artìsticamente.»

«... o que você acha de sua vitoriosa carreita artística?»

«Vocês fãs que podem responder, porque tudo o que faço é para agradar a vocês. Será que consigo?»

★

Selma R. Rosa — Ladeira do Barroso, 100, casa 2, Rio.

«... Marlene, você irá se candidatar a «Rianha das Atrizes?»

«Não, meu amor; meu tempo é pouco para tratar de assuntos mais sérios.»

«... se você pretende fazer algum filme no decorrer do ano que vem.»

«Sim, isso nem se discute; talvez faça uns dois.»

«... você ficará sempre fazendo teatro?»

«Sim. Fui tão bem recebida pela crítica e pelo público que não posso decepcioná-los.»

«... qual o seu time e sua côr predileta.»

«Gosto de todos os times. Adoro o azul! Sem dúvida é minha côr preferida.»

★

Eunice Carmen de Souza — Rua Guararema 75. Osvaldo Cruz, Rio.

«... e desejaria saber se você recebeu o cartão que lhe enviei.»

«Sim, meu bem, muito obrigada.»

«... você receberia uma fotografia desta fã ardorosa? Guardaria com carinho?»

«Naturalmente. Guardo sempre com carinho tudo que recebo das minhas fãs.»

«... se seria possível enviar-me uma fotografia sua com o Luís Delfino, juntinhos.»

«Já estamos providenciando, portanto, aguarde.»

ATENÇÃO, FÃS DE MARLENE! Sua favorita responderá, semanalmente, pelas páginas da CENA, às cartas que FOREM ENDEREÇADAS À RÁDIO NACIONAL. Portanto, NÃO lhe escrevam para esta revista, mas podem procurar aqui as respostas, que as encontrarão.

CARMEN VIRÁ AO BRASIL EM 1954?

A "pequena notável" disse que sim... "se" seus compromissos na ocasião o permitirem. O mais provavel é que isso não aconteça, e por muitas razões, algumas delas apresentadas pela própria Carmen.



Será que virá? Claro que virá, pelo menos cantando, dançando e encantando no filme da Paramount, «Morrendo de Mêdo», ao lado dos maiores cartazes da bilheteria norte-americana, Jerry Lewis e Dean Martin. No clichê, Carmen e o Bando da Lua numa cena dessa película.

ISTO já está-se tornando um hábito! «Carmen Miranda virá ao Brasil ainda êste ano!» «Carmen talvez venha passar o próximo carnaval entre nós!» «A pequena notável trará seu marido para conhecer o Brasil, dentro de poucos meses!» E daí por diante... Não há ano que deixe de aparecer uma destas notícias na nossa imprensa, prova bastante de que a encantadora embaixatriz da música brasileira não está esquecida, apesar dos seus 14 anos de América do Norte!

Sim, há quatorze anos atrás, em maio de 1939, Carmen, após haver conseguido o ponto máximo que uma artista pode atingir por aqui, embarcou no «Uruguay», da Frota da Boa Vizinhança, levando como bagagem um contrato assinado pelo empresário da Broadway, Schubert, com a duração de três meses, além de algumas vistosas «baianas», e uma vontade férrea de vencer em terra do Tio Sam. Tinha contra si diversos fatôres: não falava inglês — conhecia poucas palavras, como «money», «love» e «hot dog»; era uma ilustre desconhecida por lá e só cantava músicas brasileiras. Em compensação, sua graça e ritmo jamais igualados, sua personalidade cativante, deixaram todo o mundo nocaute. A Broadway aplaudiu-a de pé! Personalidades como Katharine Hepburn, Mickey Rooney e Tallulah Bankhead, que trabalhavam em teatros vizinhos, fizeram questão de apertar a mão da garôta do Brasil — da «Brazilian Bombshell», como passou a ser chamada. Como é natural, Hollywood foi buscá-la, chegando a Fox ao ponto de comprar o seu contrato ao empresário teatral, a fim de que ela aparecesse em seus filmes. E foi um não mais acabar de sucessos até os nossos dias, no rádio, no teatro, no cinema, nas «boites», na televisão, chegando até a lançar modas de turbantes, para tôdas as ocasiões, sapatos de solas estratosféricas, etc.

Ora, qualquer pessoa seria sensível e grata a tantas manifestações de carinho e aprêço. Isso, sem se tocar na parte financeira da questão...

(Cont. na pág. 34)

TEATRO

UM ASSUNTO

J. FOMM

"REGINALDO, COSTUREIRO"

SILVEIRA Sampaio é um autor que surgiu e venceu. Descoberta de Aimée, logo dela se emancipou, montando companhia própria e conhecendo sucessos e êxitos inesperados. Revelou-se com «A Inconveniência de ser espôsa» e atingiu o ápice com «Da Necessidade de Ser Polígamo», mantendo sempre um nível em suas peças, caracterizando-se pela inteligência, originalidade e mestria com que tratava o tema. Depois de uma ótima bagagem, Silveira Sampaio demonstrou sinais de esgotamento com os «Flagrantes» onde teatralizava (muito bem, diga-se) três anedotas. Com «Deu Freud Contra» houve um novo avanço onde o autor voltou a ser comediógrafo fino, excelente, perspicaz e substancioso. Com «O Diabo em Quatro Corpos» já novo sintoma de flebilidade, onde o tema era inspirado num fato escandaloso dos jornais. Mas com «Reginaldo, costureiro», Silveira Sampaio mostrou-se desplicente ao extremo. Se a peça faz rir (em algumas cenas) deve-se exclusivamente à excelência dos atores, porque o «plot» é desprovido de interêsse, cheio de situações comuns e soluções banais, contrariando todo o genialismo caracterizante de Sampaio. E custa-nos acreditar que o autor não tenha sentido o quanto essa peça poderia enfraquecer o seu nome, inda mais depois de ter conseguido firmar-se definitivamente no panorama teatral brasileiro. «Reginaldo, costureiro» não resiste a uma análise. Teatralmente não representa nada, pois a técnica é também falha. No comêço do segundo ato há um desfile para encher o tempo e tanto Silveira como Magalhães Graça parecem cômicos de revista tentando um número de cortina enquanto mudam os cenários. O caso do marido da freguesa que entra no «atelier» para brigar e graças à habilidade de Reginaldo sai amigo, é de antemão previsto pela platéia. E o próprio personagem-título não merece um estudo, pois não é digno disso. E note-se que o elenco é bom e está completamente desperdiçado. Nanci, Vandá, Maria Luísa Murtinho, Raimundo Furtado e Alberto Perez nada fazem. Êste último já se ressente da direção de Silveira Sampaio e é preciso que se liberte ràpidamente para não criar os maneiros admissíveis e justificáveis sòmente num tema dêste autor. Realmente é lamentável que «Reginaldo» seja tão fraco, tão mau teatro, expondo (o que é mais grave) o conceituado nome do autor-diretor-ator. Há a se notar o bonito e justo cenário de Harry Cole.



O sr. V. E. Blomfield, atual delegado no Brasil do Conselho Britânico e diretor da Sociedade de Cultura Inglêsa, tem estreitas ligações com o teatro. Detalhe curioso é que êle representou durante dois anos com a grã-finíssima companhia teatral inglêsa "Norwich Players" do famoso Maddermarket Theatre, dirigida pelo veterano do teatro inglês Nugent Monk. Essa companhia utiliza amadores e contrata também os maiores nomes do teatro profissional inglês, como Sir Lawrence Olivier. Tem nível intelectual muito elevado e adiantado. Lá, V. E. Blomfield desempenhou muitos papéis, sendo "Cassius" da tragédia de Shakespeare "Júlio César", um de seus maiores êxitos. Blomfield também especializou-se em estudos dramáticos inglêses e franceses, na Universidade de Londres. Êle tem feito algumas interessantíssimas conferências aqui no Rio a respeito do teatro de Shakespeare, visto pela psicanálise — aspecto inteiramente novo, em nossa terra. Blomfield embarcou esta semana para a Europa. Na sua volta, tenciona desenvolver as atividades teatrais da sociedade que dirige.

DE FRANÇA

Inumeráveis admiradores fizeram uma enorme ovação a Mistinguett quando esta imorredoura artista foi visitar a redação do «Parisien Liberé», que publica suas memórias. Comovida até as lágrimas, Miss foi saudar no balcão o seu melhor público, êsse povo parisiense que a admira e que a ama sempre como uma «vedette» inesquecível.

★

No Théatre Nouveautés, de Paris, Gaby Morlay representava «Lorsque l'enfant parait» («A cegonha se diverte», encenada pelos Artistas Unidos) e quando pegou o telefone para falar na cena verificou que o fio estava cortado, tendo apenas trinta centímetros de comprimento. Tratava-se de uma brincadeira de seus colegas. Mas Gaby não se perturbou. Pegou o aparelho e disse: «Alô, querido... ora, cortaram a ligação...»

Josephine Baker fêz sua «rentrée» em Paris no «Drap d'Or», após quatro anos de ausência.

★

Fernandel acaba de assinar contrato para um terceiro filme sôbre Don Camillo. Depois disso, comentou:
«— Provàvelmente ainda me farão atuar em «O Filho de Don Camillo»...

★

O acontecimento mais sensacional da temporada parisiense é a representação de «Pour Lucrèce», de Jean Giraudoux. A crítica tem enaltecido os cenários de Cassandre, a «mise-en-scène», de Berrault, e os notáveis desempenhos de Yvonne de Bray, Edwige Feullière, Madeleine Renaud, Simone Valère, Berrault, Jean Servais e Jean Dessailly.

Roteiro da noite

VARIEDADES

Novidades, pròpriamente não há. Mas há grande espectativa em tôrno dos anunciados «shows» de Carnaval, tanto no Monte Carlo, Casablanca, Night and Day, Béguin, e a sensacional reabertura do Plaza Copacabana com a infatigável Linda Batista. Aguardemos, isso tudo.

★

Reclamamos noutro número sôbre o exaustor do «Chez Colbert». Fomos apurar se estava melhor. Nada. Eunice garantiu-nos que a culpa era da Light que não fornecia energia necessária para o consumo da casa. Houve noite que ficaram até sem eletricidade! Mas Virgínia Noronha lá está tôdas as noites para abrilhantar a casa.

★

Um bar que está ficando na moda é o «Club de Paris» que tem um ambiente bonito e confortavel. Há também Pierre, o «barman», que canta com um sotaque marselhês bonitas músicas francesas. Mas não canta sem um acompanhamento digno.

★

Parece que o Barão Von Stuckart está pretendendo melhorar alguma coisa nos seus negócios. Aliás o bar do «living» anda completamente desperdiçado o que é realmente uma pena, pois é um dos lugares mais bonitos do Rio, no gênero.

★

O «Twelve-o-clock» abriga um público muito heterogêneo, mas o fato é que Ligia está lá para garantir a freguezia. As mesas e cadeiras daquele bar não são nada confortáveis, mas Fred promete para breve grandes modificações, inclusive a instalação de ar refrigerado. Boa pedida.

★

E por falar em modificações, o «Tudo Azul», onde come-se ótimos camarões «à lagrecque» transformou o ambiente. Mas Paulinho continua firme tendo agora alguns violões. O dono do «Tudo Azul» gostaria de contratar um cantor renomado para atrair mais público. Ernâni Filho estêve na bôca, masera um tanto caro.

Consuelo Leandro deixou o «Stud do Téo», por excesso de trabalho.

Consuelo Leandro desistiu de atuar no «Stud do Téo», onde por algumas palavras ganhava oito mil cruzeiros mensais. Mas acontece que a provável «revelação de 53» anda trabalhando muito. Assim, atua exaustivamente no «Follies», filmou «Três Recrutas», «O Petróleo é Nosso» e atualmente é uma das principais figuras do filme «Carnaval em Caxias», ao lado de José Lewgoy e Modesto de Souza. Consuelo recebeu convites para atuar na televisão e Rádio Nacional, mas aguarda uma folguinha para poder aceitar.

★

«L'Escale», o simpático bar da avenida Atlântica fechou suas portas por falta de freguezia. Parece que é para sempre.

★

Quem faz sucesso nessas noites cariocas em bares é o Helinho, ex-pianista do «Chez Colbert». O rapaz tem uma voz muito bonita e faz imitações explêndidas, principalmente no gênero português.

Virgínia Noronha na cigarreira do «Chez Colbert». E' a maior das simpatias da noite carioca.



Cena Radiofônica

EDEL NEY

"ASTROS" CARIOCAS BRILHANDO EM S. PAULO

CARLOS GALINDO e JORGE MURAD





Vários "astros" e "estrêlas" estão brilhando, intensamente, nas emissoras paulistas, alguns em temporadas, outros definitivamente, como é o caso, por exemplo, de Araci de Almeida, "o samba em pessoa", que há pouco tempo declarou a diversos jornais que não pretende abandonar o rádio da paulicéia.

Em diversas pequenas reportagens, vamos focalizar aqui, os artistas cariocas que estão obtendo êxito na terra da garoa, e com os quais palestramos, demoradamente, dias seguidos, quando de nossa recente visita a São Paulo.

Para iniciar, apresentamos um flagrante colhido nos estúdios da Record, quando da estréia de Carlos Galindo (que pertencia à ex-Rádio Clube do Brasil).

Galindo assinou vantajoso contrato com a citada emissora e está participando com sucesso, de grandes programas radiofônicos e de televisão. Seus programas estão cada vez mais concorridos e Carlos Galindo vai-se firmando, gradativamente, no rádio bandeirante.

Apesar disso, contudo, não esquece o Rio, e rara é a semana em que não vem aqui. Informou-nos, aliás, que está em entendimentos com a Mayrink Veiga, a fim de atuar na mesma, nos seus dias de folga na Record.

★

Outro cartaz que fêz exitosa temporada em São Paulo foi o grande e conhecido humorista Jorge Murad, que durante o mês de novembro, "foi o "cartaz das dez", um dos programas mais ouvidos na Nacional paulista.

"O Salomão do Rádio", colheu novos triunfos para a sua carreira e, com essa temporada, termina o seu contrato com a Nacional e Mayrink.

Murad vem de publicar, também, o seu quinto livro de anedotas, ao qual deu o titulo de "huMURADas", o qual está obtendo vendas recordistas.

Estampamos ao lado, uma ótima "pose" do veterano cômico.

★

No próximo número, falaremos do tremendo prestigio de ROBERTO LUNA, na Nacional paulista.

DISCO-NOVIDADES

Nova estreante na Victor. Seu nome: Mariza. As músicas que gravou: «Você estêve com o meu bem?» e «Grande mágua», ambos sambas. Mariza é uma descoberta do famoso Russo do Pandeiro.

—//—

A Copacabana tem novo campeão de vendas. Trata-se de Jackson do Pandeiro, que está obtendo recorde de vendas com o rojão «Forró no Limoeiro», face A do seu disco de estréia. Jackson, que começou como pandeirista de grandes possibilidades revelou-se, depois, um ótimo intérprete dos ritmos nordestinos. Pertence ao elenco da Rádio Jornal do Comércio, de Recife.

—//—

O grande Alcides Gerardi tem novo disco Odeon a venda. Numa face, «Lar desabitado», samba-canção de Geraldo Pereira e Arnaldo Passos. Na outra, «Nosso caso de amor», samba de Mário Filho e Sebastião Moreira.

—//—

«Mais Tempêro», samba de Gildázio Ferreira e Miguel Lima, constituirá uma das gravações carnavalescas de Carmen Costa, na Copacabana.

MARIO AZEVEDO é a mais recente conquista dos novos «long-playing» Regente. O flagrante fixa o momento em que o célebre pianista selecionava as músicas de seu primeiro disco, juntamente com Paulo Tapajós, diretor-artístico dessa nova gravadora.

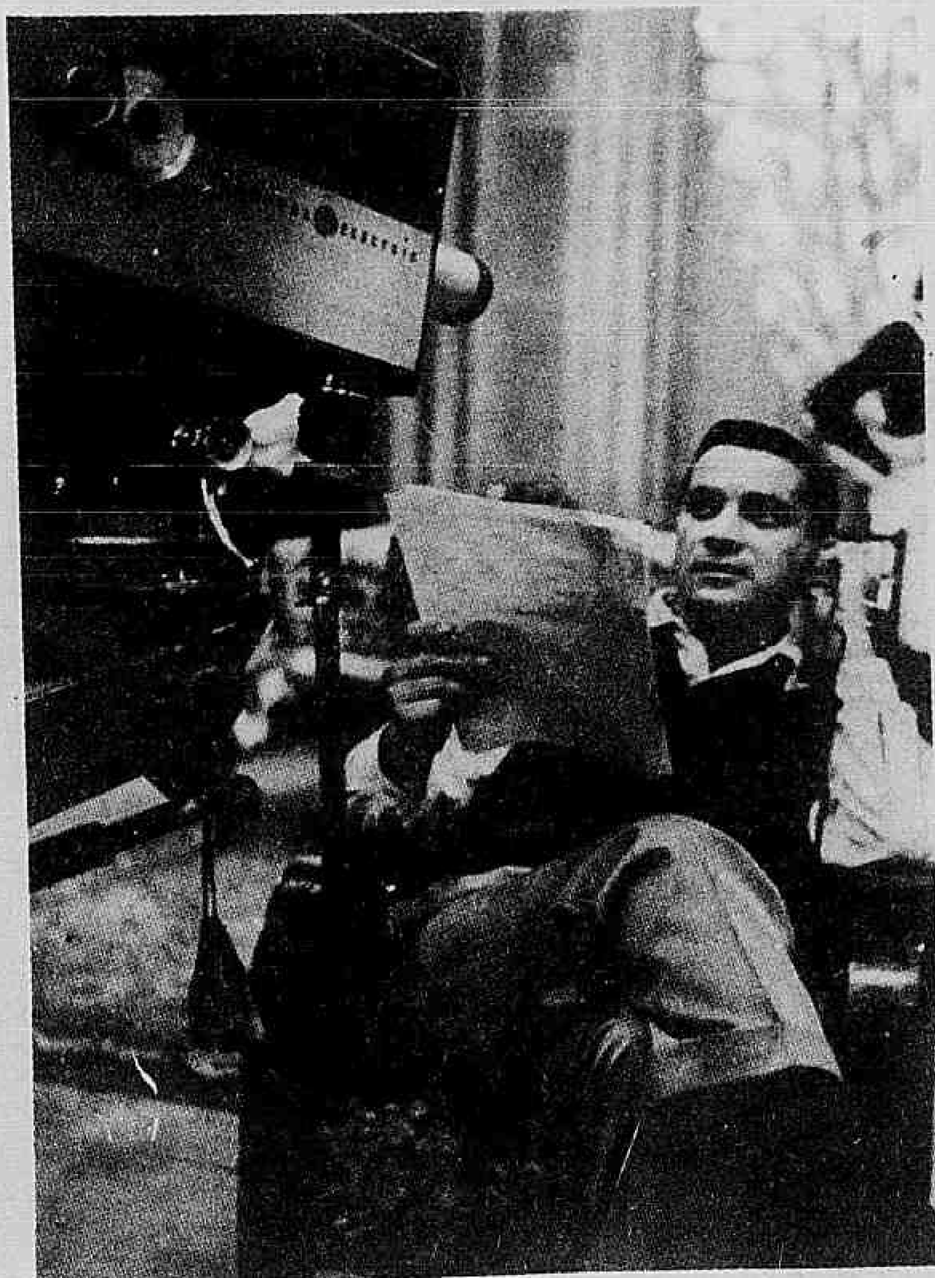


GENTE DE RÁDIO E TELEVISÃO

SÍLVIO DE OLIVEIRA — UMA VOZ BRASILEIRA DE FAMA INTERNACIONAL — Dois anos consecutivos SÍLVIO DE OLIVEIRA realizou exitosas «tournées» pela Argentina, Uruguai e Chile, atuando, com invulgar sucesso, nas mais importantes emissoras, «boites» e teatros. Foi um verdadeiro baluarte da música popular brasileira no estrangeiro. Há pouco tempo, regressou ao Brasil, sendo lançado pelas «Atrações Veno», nos melhores programas do «prefixo da esperança». Atualmente, participa, com destaque, em grandes programas da Nacional, Mayrink Veiga, Tamoio e da Televisão Tupi. A foto mostra-nos SÍLVIO DE OLIVEIRA (ao centro), quando se preparava para enfrentar as câmaras da TV, juntamente com um dos integrantes de seu conjunto e a rumbeira Cleuza. SÍLVIO estuda, no momento, vantajosa proposta que já lhe fêz uma de nossas grandes gravadoras.



JACI CAMPOS, dinâmico produtor, ensaiador e ator dos esplêndidos programas da TV-TUPI.



A loura MARION, «estrêla» dos espetáculos Tonelux, da TV-Tupi.





LUÍS ALBERTO veio da Bahia, onde era um dos melhores locutores esportivos. Aqui, entrou para a Nacional, onde permanece até hoje, trabalhando com afinco, e se firmando, cada vez mais, no conceito do público. Estimado pelos desportistas, em virtude da sua imparcialidade, à justeza dos seus comentários, LUÍS ALBERTO, bem jovem ainda, vai abrindo caminho para a popularidade em futuro bem próximo. Na foto acima, vemos o querido «speaker» em palestra com Fernando Jacques, conhecido compositor, e atualmente integrando a equipe de jornalistas do Departamento de Jornais Falados da E-8.

IDA GOMES é uma das rádio-atrizes mais conhecidas do nosso sem fio. Dona de um talento enorme, impôs-se ao público aqui no Brasil e lá fora, no estrangeiro, onde estêve atuando, em Londres, na B.B.C. Começou muito pequena recitando nos programas infantis, onde sempre colheu os melhores aplausos, pois IDA GOMES é uma declamadora vigorosa. Aliás, tem tido oportunidade de mostrar essa facêta de seu talento aos tele-espectadores. À direita, vemos AMÉLIA SIMONE, uma das mais aplaudidas rádio-atrizes da Tupi carioca. Tem interpretado os mais difíceis papéis, saindo-se sempre maravilhosamente, conforme o tem reconhecido a crítica.



AS TRÊS MARIAS, o famoso conjunto vocal feminino da Tupi, tem agora nova formação, em virtude da saída de dois de seus elementos. Uma delas se casou e, a outra, a Carmen Déa, está cantando como solista na própria G-3 e, diga-se de passagem, obtendo estrondoso êxito. As duas novas componentes são a Consuelo (a 1ª, lá de cima) e a Maria Tereza (a 3ª, lá embaixo na foto). A chefe é a pequena que está no meio, a Ediná, a única do antigo TRÊS MARIAS. A mais nova aquisição do Trio, a morena e simpática Maria Tereza, pertenceu ao conjunto AS TRÊS MARIAS, de Recife.



PÁGINA DO Leitor

FILMES PREMIADOS

Do leitor CARLOS MAXIMIANO MOTA, de São Paulo



PARA prazer do público e dos estudiosos de cinema, tem sido exibidos entre nós uma série de películas premiadas em Festivais e, pelo seu valor, amplamente divulgadas, elogiadas pela crítica internacional. Entre estas estão: «Somos todos assassinos», «Brinquedo proibido», «Moulin Rouge» e «Depois do Vendaval». A primeira recebeu um Prêmio especial do Júri do Festival de Cannes de 52. Trata-se da mais útil, impressionante e extraordinária película do cinema atual. André Cayatte, seu realizador, coloca-se entre os maiores nomes da cinematografia mundial, capaz de levar à tela os maiores temas. O filme faz parte de uma série de três, que versam sôbre temas jurídicos-sociológicos: «L'Affaire Seznec», «O direito de matar» e esta grande película. A primeira obra não pôde ser realizada. «Somos todos assassinos» é um libelo impressionante e eloqüente contra a pena de morte, mostrando a nu o sistema penitenciário francês. A espera, a aproximação da hora da execução, com o sinistro séquito das figuras, o aproximar silencioso, como répteis, dos guardas na cela dos condenados, e todo o dramático relato da história de Le Guen, em excelente forma cinematográfica da primeira até a última cena (belo momento de cinema) fazem dêste filme uma legítima obra-prima.

«Brinquedo proibido» é outra bela contribuição da França. Não é um filme trágico e pungente, como parecia, não é chocante como a obra de Cayatte. É ao mesmo tempo dramático, triste, satírico e pitoresco. O brinquedo proibido das crianças consiste em enterrar animais e bichos mortos, para isso roubando elas as cruzes do cemitério, de um carro de defunto e mesmo da igreja. Sob o plano de fundo da guerra René Clement constrói uma película poética e bela. E revela dois insuperáveis pequenos atores: Brigitte Fossey e Georges Poujouly. O filme mereceu o prêmio máximo do Festival de Veneza de 52.

«Moulin Rouge» também foi premiado no mesmo Festival, êste ano. Traz o nome de John Huston, que ganhou renome com «O Tesouro de Sierra Madre». Suas demais películas não atingiram o mesmo nível de Sierra Madre, mas Moulin Rouge volta a afirmá-lo como cineasta capaz. Focaliza o filme a vida do famoso pintor da vida alegre da Paris do século passado, Toulouse Lautrec, sob o seu aspecto mais amargo e triste, o que segundo depoimento de seus estudiosos é falso. Se Huston agiu assim deve ser por motivos comerciais, o que não invalida o filme como obra de cinema. Huston inicia-a com uma seqüência verdadeiramente antológica de cinema: o Moulin Rouge, seus freqüentadores, sua atmosfera, suas bailarinas, através de uma frenética e espetacular montagem, com planos e cortes de grande efeito. José Ferrer encarna expressivamente o artista, seguido de perto por Collette Marchand que se revela atriz de méritos. O final — o artista revendo as figuras que imortalizaria, à hora da morte é dos mais belos vistos no cinema. Cabe ressaltar também a belêza da canção Moulin Rouge, a qualidade da fotografia de Ossie Morris, em technicolor.

«Depois do Vendaval» valeu a John Ford o prêmio de melhor diretor de 52, pela Academia de Hollywood. Na carreira de Ford o filme assume grande importância, pois através dêle se poderia tirar uma prova da capacidade do veterano diretor, que sua série de «westerns» estereotipados comprometeu. Em «The Quiet Man», John Ford se sentiu mais à vontade, focalizando pela história simples extraída do romance de Maurice Walsh, a Irlanda, sua terra natal, seus aspectos, usos e costumes, criando personagens pitorescos gravitando em tôrno do pacato Sean Thornton e seu tempestuoso, poético e original romance com Mary Kate. Êsse o mérito da película, de trazer algo de novo para nós, desconhecido e fascinante. Em tôda a calma e graça suave da película revela-se um cineasta sensível, tentando e conseguindo reassegurar seu nome na constelação cinematográfica. Não terá feito algo de superior às suas famosas fitas do passado como «Vinhas da ira», mas um bom filme. Os atores em suas mãos se transformam conseguindo todos ótimas atuações.

O filme concorreu, em Veneza, com «Les Belles de la Nuit», de René Clair, e «Brinquedo proibido», de Clement, que conseguiu o primeiro prêmio.

★

BILHETE CINEMATOGRÁFICO

Da leitora B.O., da Bahia.

Querido **Capitão Escarlett:**

Lembra-te de **Belinda,** aquela **Tentação dos Trópicos** que encontrou num dos **Três Cadetes em Apuros** o seu **Encantamento** para a vida? Pois bem, êles viveram um **Romance Proibido** e ela achava que tinha **O Mundo em Seus Braços quando** êle lhe dizia: **Tu és Minha Paixão.** Um dia êle rumou para os **Caminhos do Sul** e nunca mais voltou. **A Tortura do Silêncio** lhe embranqueceu os cabelos e como **O Inferno não tem Preço** ela vive nêle, pagando bem caro. Reside na **Cidade Negra,** recordando **Um dia Feliz** que em sua vida foi uma **Fatalidade.** Ela guarda uma **Amarga Esperança** de ainda ser amada e vive com a **Alma em Pânico** pensando que poderá encontrá-lo na **Esquina da Ilusão.**

Sem mais, beija-te ardentemente, tua **Roseana.**

★

Sejamos benevolentes com o Cinema Nacional

Do leitor ARNALDO DANTAS de Salvador, Bahia.

NO meu modo de ver, o cinema nacional já atravessou o seu período crítico e agora caminha, a largos passos, para uma posição mais destacada. Os fãs devem estar lembrados do que era o nosso cinema, anos atrás; por que não dizê-lo: o pior do mundo! Hoje, porém, está muito melhor, sob todos aspectos, desde os argumentos escolhidos para os filmes, até a interpretação dos nossos artistas, os quais já estão mais familiarizados com a câmara. Tivemos alguns filmes senão perfeitos, pelo menos assistíveis, que não nos fizeram vergonha

absolutamente... embora a crítica estivesse em desacôrdo comigo.

O que não se pode exigir é que estejamos num plano superior ou mesmo equivalente ao de outros países mais antigos na arte de fazer cinema; mesmo porque nos falta recurso técnico, principalmente, e financeiro. Encaro o cinema como arte e diversão ao mesmo tempo. Na minha opinião se o filme é bem arranjado e, sobretudo bem protagonizado, pode não ser lá muito perfeito no tocante a arte. Se se produzissem sòmente filmes do feitio de HAMLET, CIDADÃO KANE, MACBET e outros do mesmo quilate, a reação do público seria negativa. Muita gente vai ao cinema para se divertir do labor diário da vida e não para estudar meticulosamente as perfeições e imperfeições do filme. Com isso não quero dizer que não se deve fazer bom cinema, que não se deve lutar pelo bom cinema. Acho, apenas, que os críticos deveriam julgar os filmes de acôrdo com as suas finalidades, isto é, como arte ou como diversão. Não concordo com que os críticos descarreguem tôda sua ira em filmes como, por exemplo, CARNAVAL NO FOGO, AVISO AOS NAVEGANTES, ÊSTE MUNDO É UM PANDEIRO, AS AVENTURAS DE DON JUAN, LADRÃO DE BAGDÁ, SIMBÁ, O MARUJO, etc. Há, entretanto, filmes tão ruins e mal feitos, que não conseguem agradar nem como arte nem como diversão; sôbre êsses, sim, deveria recair todo o pêso da crítica.

O cinema americano é, inegàvelmente, o melhor do mundo; possui recursos técnicos, material e homens capazes como ninguém. Por que então o ianque faz tantos filmes leves e despretenciosos? Simplesmente porque agradam ao grande público e, conseqüentemente, ajudam ao seu próprio cinema. Filmes como UM LUGAR AO SOL, TARDE DEMAIS, E O VENTO LEVOU, CARÍCIA FATAL, NA COVA DAS SERPENTES e BECO DAS ALMAS PERDIDAS provam, todavia, que o americano sabe fazer o melhor cinema.

No caso do cinema nacional, temos que seguir a mesma técnica dos americanos, isto é, produzir filmes distrativos, leves e despretenciosos ao tempo em que nos preparamos, com vagar, para mostrar ao público do quanto somos capazes.

Como disse no começo desta crônica, o cinema nacional já atravessou a sua fase crítica, e tem tôdas as probabilidades de um futuro promissor.

CORREIO DA CENA

Cícero Lopes — Lages, Santa Catarina — Em primeiro lugar, desejamos agradecer seus efusivos cumprimentos pela fase da CENA, iniciada a 4 de Novembro último. Tudo legal quanto às suas colaborações passadas, presentes e futuras. Oportunamente aparecerão reportagens sôbre Greer Garson, Linda Darnell e Jeanne Crain.

★

Paulo Gustavo — Niterói, Rio — Caro Gustavo, mesmo que a nossa revista voltasse ao seu formato antigo, como sugere, ainda assim sua coleção possuiria pelo menos uns dois ou três números em tamanho reduzido. Como resolveria êsse problema, se não pode resolvê-lo no caso presente? Quanto a companhias novas como a que se refere no Rio Grande do Sul, se não publicamos maior número de noticiário a seu respeito, é por falta única e exclusiva delas, que não nos enviam. Tomamos boa nota de suas outras sugestões.

★

Renato Araújo — Patos, Paraíba — Aquela seção foi extinta, razão pela qual não poderemos atender ao seu pedido.

★

Araken Jr. — Santos, São Paulo — Muito gratos pelos elogios às nossas novas seções de teatro e cinema nacional. Nós, também, somos de opinião que o nosso cinema já merece um maior destaque na imprensa brasileira.

★

Sílvio Machado Vieira — Florianópolis, Sta. Catarina — Agradecemos sinceramente as boas referências que faz a esta Nova Fase. Tem todo o direito de apresentar sugestões, pois como deve ter lido no número 45, fizemos um apêlo aos leitores nesse sentido.

★

Alberto de Alencar — Florianópolis, Sta. Catarina — A seção "Um lugar ao Sol" não existe mais, em virtude de não atingir o seu objetivo.

★

Daniel Ortiz — Taubaté, Estado de São Paulo — O amigo tem razão: nem sempre os frascos maiores contêm as melhores essências, e nós também estamos satisfeitos com o novo tamanho da CENA. A capa com Joan Crawford sairá oportunamente. Gratos.

★

Ruth Antunes — S. José dos Campos — Agradecemos sensibilizados os elogios que faz à nossa Nova Revista. Quanto a aumen-

TRABALHOS GRÁFICOS

★ LIVROS ★ BULAS
★ FOLHETOS ★ RÓTULOS
★ PROSPECTOS ★ CARTAZES

E QUALQUER SERVIÇO DO RAMO GRÁFICO

TRABALHO RÁPIDO E LIMPO

Cia. Editôra Americana

RUA VISCONDE DE MARANGUAPE, 15 — TEL. 22-8647 — RIO

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº. ......

NOME........................
RUA.................. Nº. ....
CIDADE........................
ESTADO........................

Preço para todo o Brasil: Cr$ 50,00

COMO APRENDER A DANÇAR



5ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Chôro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início, sem cavalheiro ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Rua da Liberdade número 120 —— São Paulo.

Pedidos pelo reembôlso postal: Cr$ 50,00 — Caixa Postal 649 - S. Paulo
A venda nas livrarias do Rio e São Paulo.

tarmos o número de páginas, está um pouco difícil no momento, mas esperamos poder fazê-lo no futuro.

★

Milton de Araújo — Bahia — Muito gratos pelas suas palavras elogiosas à nova fase da CENA, principalmente quanto às seções de rádio e cinema nacional. Edel Ney e Luís Fernandes agradecem e retribuem o abraço. Sim, Emilinha Borba aparecerá brevemente, não só na capa, como em reportagens.

★

Maria da Glória Araújo, Maria Tereza de Araújo, Maria Idalina Silva e Arair Nazareth Silva — São Cristóvão — Infelizmente, não podemos fazer uma reportagem sôbre o aniversário de Marlene. Que era de nosso desejo, vocês bem podem compreender, pelo carinho com que ela é tratada por esta revista. Mas procuraremos reparar nossa falta involuntária, publicando muito em breve sua fotografia na capa, além de reportagens sôbre a querida "estrêla".

★

Eliza Dela Costa — Caxias do Sul — Sentimos não poder atender ao seu pedido, em virtude de têrmos resolvido acabar com aquela seção.

★

Valdemar de Oliveira Santiago — Patrocínio — A resposta acima serve para o prezado leitor.

★

Ivan Rodrigues de Oliveira — Ribeirão Prêto — O prezado leitor desgostou profundamente da Nova Fase desta revista, mas contam-se aos milhares os que a preferiram às anteriores. Nunca se pode contentar a todos, não é? Oportunamente, atenderemos ao seu pedido, sôbre Tarzan, sua companheira e filho. Margaret Sullivan não tem feito filmes ùltimamente, mas continua sendo um grande sucesso no palco norte-americano. Quanto ao casal Ava Gardner-Frank Sinatra, não está divorciado e, sim, separado, havendo possibilidades de reconciliação. Sempre as suas ordens, amigo da CENA e inimigo de sua Nova Fase...

DIETRICH...

(Cont. da pág. 10)

Seu nome já foi ligado ao de muitas personalidades internacionais, como Jean Gabin, Erich Remarque, Joseph von Sternberg, Douglas Fairbanks Jr., e até ao de Joe di Maggio, o atual queridinho de Marilyn Monroe, mas o mais interessante é que sua conduta jamais provocou escândalo nos seus 20 anos de Hollywood. E isso é caso virgem, em se tratando de mulher casada que se apresenta em público com tantos e conhecidos homens diferentes.

Não resta dúvida: Marlene passará à história da cinematografia mundial. Não só a artista que até hoje provoca suspiros na platéia por sua beleza e sedução, mas também a mulher que realmente viveu, que se realizou plenamente. Só encontramos um adjetivo para tal criatura: Dietrich, a FABULOSA!

CARMEN VIRÁ. . .

(Cont. da pág. 27)

Um ano depois de seu retumbante sucesso, Carmen veio ao Brasil. Parte do povo de «sua» terra recebeu-a mal, pelo simples fato de desejar ela mostrar algum progresso e interpretar uma canção em inglês no Cassino da Urca. Isso calou fundo na sensibilidade de Carmen. Daí para cá, alguns senhores da imprensa «tomaram assinatura» em relação a ela, procurando sempre diminuí-la aos nossos olhos. De tudo ela tinha conhecimento, pois lia àvidamente tôdas as publicações a seu respeito, sempre na esperança de que um dia fôsse perdoada pelo «grande crime» de ter cantado UMA vez em língua estrangeira. Mas tal não acontecia. Pelo contrário, tornou-se grande moda atacá-la e desconhecer qualquer mérito que justificasse seu retumbante sucesso, o maior conseguido até hoje por um brasileiro no exterior. E Carmen adquiriu um complexo, é a pura verdade!

Não. Carmen NÃO virá ao Brasil em 1954. Certamente não o fará nem em 1955, 1956 ou em ano algum. Achará sempre algum pretexto para apresentar, o que prova que tem mais consideração para com os brasileiros do que êstes para com ela, pois poderia simplesmente deixar de vir sem dar a menor satisfação; já está bem claro que não precisa de nós para nada, não é verdade?...



QUÊDA DOS CABELOS
Calvície precoce
JUVENTUDE
ALEXANDRE
INSUPERÁVEL
Hà cinqüenta anos

A CENA MUDA

Fundada em 1921
Propriedade da
COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA

Diretor
Gratuliano Brito

Publicidade
Severino Lopes Guimarães

ENDERÊÇO

Rua Visconde de Maranguape, 15 — Lapa — Rio de Janeiro — Brasil.

Publicidade	22-9570
Redação	22-4447
Gerência	22-8647
Administração e Contabilidade	22-2550
Portaria	22-5602

Enderêço Telegráfico: «REVISTA»

EM SAO PAULO

Distribuição e Venda: A. Zambardino. R. Capitão Salomão, 69 — Tel.: 34-1569.

PREÇOS

Número avulso em todo o território nacional	Cr$ 4,00
Número atrasado	Cr$ 4,50
Assinatura anual (52 números)	Cr$ 200,00
Assinatura semestral (26 números)	Cr$ 100,00
Assinatura anual sob registro	Cr$ 230,00
Assinatura semestral sob registro	Cr$ 120,00
Assinatura para o estrangeiro, anual	Cr$ 350,00
Assinatura para o estrangeiro, semestral	Cr$ 180,00

Uma tradição de bom gôsto



CIGARROS

hollywood



UM PRODUTO SOUZA CRUZ

LOJA-2 *Lojas da Perfumaria Meyer* LOJA-1

LOUÇAS — CRISTAIS — PORCELANAS
PRATARIAS — ARTIGOS PARA PRESENTES

SALÃO DE CABELEIREIROS
PERFUMES — BIJUTERIAS





LOJA-3

CALÇADOS PARA
SENHORAS E
CRIANÇAS





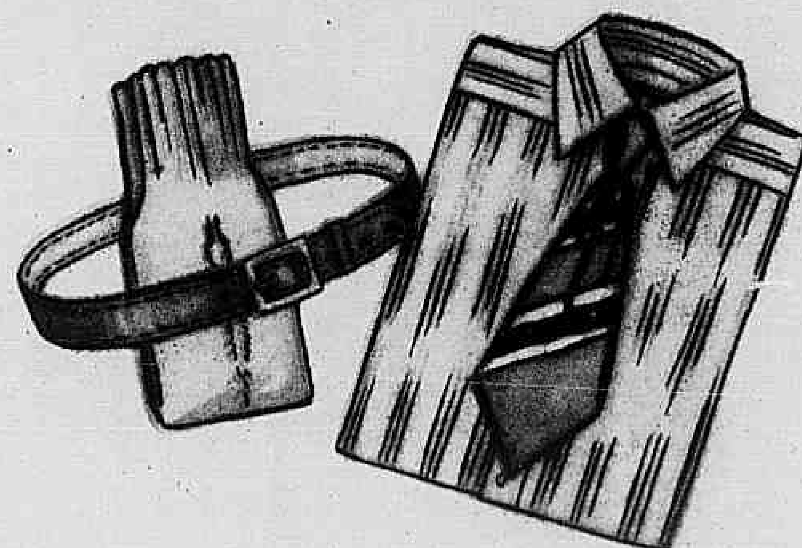
LOJA-4

CALÇADOS E CHAPÉUS
PARA HOMENS
ARTIGOS PARA ESPORTES



LOJA-5

CAMISAS — PIJAMAS — LENÇOS
CINTOS — GRAVATAS — ETC.



VIEIRAS DE CASTRO & CIA LTDA. — RIO

RUA ARQUIAS CORDEIRO, 275 a 279 e 285 a 293
MEYER — Tels. 29-0968 — 29-1850 — 29-1479 e 29 1786

FABRICA de Bibelots MITAC - Perfumes MIMO - Tintas TIC-TAC
RUA DOIS DE MAIO, 534-A — Telefone: 29-0756